

Karen Marie Moning



O Highlander
NEGRO

Tradução de Teresa Martins de Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Este é para as mulheres que o tornaram possível através dos seus
extraordinários encorajamento, apoio, e paciência: Deidre Knight, Wendy
McCurdy, e Nita Taublib — obrigada!*

O TEMPO É A MOEDA DA SUA VIDA.
É A ÚNICA MOEDA DE QUE DISPÕE,
E APENAS VOCÊ PODE DETERMINAR COMO SERÁ GASTA.
TENHA CUIDADO, NÃO VÁ DEIXAR QUE OUTROS A GASTEM POR SI.
— CARL SANDBURG

Primeiro Prólogo

Num lugar difícil de os humanos descobrirem, um homem, ou mais ou menos isso — divertia-o dar pelo nome de Adam Black entre os mortais — aproximou-se de um trono coberto por um dossel de seda e ajoelhou diante da sua rainha.

— Minha rainha, O Preto foi quebrado.

Aoibheal, rainha dos *Tuatha Dé Danaan*,¹ permaneceu em silêncio por muito tempo. Quando por fim se voltou para o seu consorte, a sua voz soou gelada. — Convoca o conselho.

¹ Raça de seres superiores ou deuses da Mitologia Celta, representados como heróis ou fadas. (N. da T.)

Segundo Prólogo

Milhares de anos antes do nascimento de Cristo, estabeleceu-se na Irlanda uma raça chamada *Tuatha Dé Danaan* que, ao longo dos tempos, se tornou conhecida como a Verdadeira Raça, ou as Fadas.

Civilização avançada de um mundo longínquo, os *Tuatha Dé Danaan* educaram nos costumes druidas alguns dos mais prometedores humanos que encontraram. Durante algum tempo, homens e fadas partilharam a Terra em paz, mas, infelizmente, uma amarga dissensão sobreveio entre eles, e os *Tuatha Dé Danaan* decidiram partir. Dizem as lendas que desapareceram “sob os montes” em “colinas de fadas”. A verdade é que nunca deixaram o nosso mundo, mas mantêm a sua fantástica corte em locais difíceis de descobrir pelos seres humanos.

Depois da partida dos *Tuatha Dé Danaan*, os Druidas humanos guerrearam-se entre si, dividindo-se em facções. Treze deles voltaram-se para o lado da sombra e — graças ao que os *Tuatha Dé Danaan* lhes haviam ensinado — quase destruíram a Terra.

Os *Tuatha Dé Danaan* emergiram dos seus locais ocultos e detiveram os Druidas negros momentos antes que conseguissem provocar danos irreparáveis na Terra. Destituíram os Druidas do seu poder, espalhando-os pelos cantos remotos da Terra. Castigaram os treze que se haviam tornado negros desterrando-os para um local entre dimensões, encerrando as suas almas imortais numa prisão eterna.

Os *Tuatha Dé Danaan* escolheram então uma linhagem de nobres, os Keltar, para, através do conhecimento sagrado, reconstruírem e cuidarem da Terra. Juntos, negociaram O Preto: o tratado que governava a coabitação das suas duas raças. Os Keltar fizeram muitos juramentos aos *Tuatha Dé Danaan*, primeiro e antes de tudo que jamais usariam o poder das pedras altaneiras — que davam aos homens conhecedores das fórmulas sagradas a capacidade de se moverem através do espaço e do tempo — para lucro pessoal ou fins políticos. Os *Tuatha Dé Danaan* comprometeram-se

a muitas coisas por sua vez, primeiro e antes de tudo a jamais derramarem o sangue de um mortal. Ambas as raças permaneceram ao longo do tempo fiéis aos compromissos feitos nesse dia.

No decorrer dos milénios seguintes, os MacKeltar viajaram até à Escócia e estabeleceram-se nas *Highlands*, acima do que se chama agora Inverness. Embora a maior parte da sua antiga história dos tempos do seu envolvimento com os *Tuatha Dé Danaan* se tenha dissipado nas brumas do seu passado distante e caído no esquecimento, e embora não haja registo de um Keltar se encontrar com um *Tuatha Dé Danaan* desde então, jamais se desviaram do seu juramento.

Empenhados em servir o bem maior do mundo, nem um só MacKeltar quebrou jamais o seu juramento sagrado. Nas poucas ocasiões em que abriram um portal para outros tempos dentro do círculo de pedras, fizeram-no pela mais nobre das razões: proteger a Terra de um grande perigo. Uma antiga lenda mantém que se um Keltar quebrar o seu juramento e usar as pedras para viajar através do tempo por razões pessoais, a miríade de almas dos mais negros Druidas encurralados entre mundos reclamá-lo-á e fará dele o Druida mais maléfico e aterrorizadamente poderoso que a Humanidade alguma vez conheceu.

Em finais do século quinze, nascem os gémeos Drustan e Dageus MacKeltar. Tal como os seus ancestrais, protegem a antiga tradição, cuidam da terra e guardam o cobiçado segredo das pedras altaneiras.

Homens de honra, sem corrupção, Dageus e Drustan são servidores fiéis.

Até que, numa noite fatídica, num momento de desgosto cego, Dageus MacKeltar viola o Preito sagrado.

Quando o seu irmão Drustan morre, Dageus entra no círculo de pedras e volta atrás no tempo para evitar a morte de Drustan. É bem sucedido, mas entre dimensões é tomado pelas almas dos Druidas maléficos, impedidos de saborear, tocar ou cheirar, fazer amor, dançar ou disputar o poder há aproximadamente quatro mil anos.

Agora Dageus MacKeltar é um homem com uma boa consciência... e treze más. Embora consiga conservar a sua entretanto, o tempo escasseia

O mais negro dos Druidas reside actualmente nos East 70s² de Manhattan, e é aqui que começa a nossa história.

² Zona mais rica de Manhattan, entre as ruas 70 e 79 do East Upper Side (literalmente, lado superior leste) da ilha. (N. da T.)

ACTUALIDADE

1

Dageus MacKeltar caminhava como um homem e falava como um homem, mas na cama era um ser puramente animal.

A advogada criminal Katherine O'Malley chamava as coisas pelos nomes, e o homem era puro Sexo com letra maiúscula. Agora que tinha dormido com ele, estava arruinada para os outros homens.

Não era só a sua aparência física, com o seu corpo escultural, a pele cobrindo como veludo dourado as feições de aço cinzelado, e o seu sedoso cabelo negro. Ou aquele sorriso preguiçoso, por de mais arrogante, que prometia o paraíso a uma mulher. E cumpria. Com garantia de cem por cento de satisfação.

Nem eram sequer os exóticos olhos dourados orlados de espessas pestanas negras por baixo das sobrancelhas oblíquas.

Era o que ele lhe fazia.

Ele era sexo como ela jamais tivera na vida, e há dezassete anos que Katherine tinha sexo. Julgava já ter visto tudo. Mas quando Dageus MacKeltar lhe tocava, ela desfazia-se pelas costuras. Arredio, cada movimento seu era suavemente controlado, quando despia as roupas despia-se de cada grama daquela disciplina rígida e transformava-se num bárbaro indómito. Fodia com a intensidade determinada de um homem no corredor da morte, com execução marcada para o raiar do dia.

Só de pensar nele sentia um aperto no baixo-ventre. Sentia a pele completamente retesada sobre os ossos. Sentia a respiração entrecortada.

Agora, especada na antecâmara junto às portas lacadas e envidraçadas do seu apartamento de cobertura em Manhattan, com vista para o Central Park, que lhe assentava como uma segunda pele — de uma elegância perfeita, branco, preto, cromado, e sólido —, ela sentia-se intensamente viva, cada nervo seu estava alerta. Inspirando fundo, rodou o manípulo e empurrou a porta.

Nunca estava trancada. Como se ele nada temesse quarenta e três andares acima do clarão e fios de navalha da cidade. Como se houvesse visto o pior que a Grande Maçã tinha para oferecer e achasse tudo ligeiramente divertido. Como se a cidade pudesse ser grande e má, mas ele fosse maior e pior ainda.

Entrou, inalando o aroma rico a madeira de sândalo e rosas. Música clássica soava através das salas luxuosas — o Requiem de Mozart —, mas ela sabia que mais tarde ele poria a tocar os Nine Inch Nails³ e espalmaria o seu corpo nu contra a parede envidraçada sobranceira ao Conservatory Water,⁴ penetrando-a até ela gritar o seu prazer para as luzes brilhantes da cidade lá em baixo.

Dezoito metros de cobiçada fachada para a Quinta Avenida nos East 70s — e ela não fazia ideia do que ele fazia na vida. Durante a maior parte do tempo, não estava certa de querer saber.

Fechou as portas atrás de si e deixou cair o casaco de cabedal em suaves pregas até ao chão, revelando umas meias altas com dobra de renda preta, cuecas a condizer e um sutiã transparente que evidenciava à perfeição os seus seios fartos. Vislumbrou o seu reflexo nas janelas escurecidas e sorriu. Aos trinta e três anos, Katherine O'Malley tinha uma óptima figura. E bem devia ter, pensou, arqueando uma sobrancelha, tal era o exercício que andava a praticar na cama dele. Ou no chão. Esparramada no sofá de pele. No *jacuzzi* de mármore preto...

Uma onda de luxúria deixou-a tonta, e respirou profundamente para acalmar o martelar do coração. Sentia-se insaciável nas proximidades dele. Por uma ou duas vezes ponderara fugazmente a ideia chocante de que ele pudesse não ser humano. De que talvez fosse algum mítico deus do sexo, possivelmente Priapo, atraído pelos habitantes necessitados da cidade que nunca dorme. Ou alguma criatura de uma tradição há muito esquecida, um *Sidhe*⁵ habilitado a elevar o prazer a extremos que os mortais não estavam destinados a experimentar.

— Katie, moça. — A voz dele flutuou vinda do andar de cima do dúplex de quinze assoalhadas, carregada e envolvente, o seu sotaque

³ À letra, “Unhas de Nove Polegadas”. Banda de *rock* industrial norte-americana, também conhecida pela sigla NIN, baseada essencialmente em instrumentos e processos electrónicos. Foi fundada em 1988 por Trent Reznor, único membro oficial da banda, e caracteriza-se por ter reunido com sucesso numerosas influências musicais: *metal*, *pop sync*, electrónica. As suas composições podem variar do pesado e agressivo até ao minimalista e contemplativo. (N. da T.)

⁴ Lago no Central Park junto à Quinta Avenida, bem em frente da Rua 74, mais conhecido como sendo o lago dos barcos telecomandados, e que inclui também uma estufa de plantas tropicais. (N. da T.)

⁵ Termo gaélico que significa povo das colinas de fadas e que posteriormente se tornou uma versão literária dos *Tuatha Dé Danaan*. (N. da T.)

escocês fazendo-a pensar em fumo de turfa, pedras antigas, e uísque envelhecido.

Só Dageus MacKeltar podia chamar “Katie, moça” a Katherine O’Malley e sair incólume.

Enquanto ele descia a escadaria em arco e entrava na sala de estar de nove metros com os seus tectos abobadados, lareira de mármore e vista panorâmica sobre o parque, ela permaneceu imóvel, bebendo-o com os olhos. Envergava calças de linho pretas, e ela sabia que nada havia por baixo além do corpo masculino mais perfeito que alguma vez vira. Percorreu com o olhar os seus ombros largos, descendo pelo peito rijo e pelos abdominais musculados, demorando-se nos cordões gémeos de músculos que lhe cortavam a parte inferior do abdómen e lhe desapareciam nas calças, incitando os olhos a seguirem-nos.

— Suficientemente bom para comer? — Os olhos dourados dele brilharam ao varrerem-lhe o corpo. — Anda. — Estendeu a mão. — Moça, tiras-me o fôlego. Os teus desejos são ordens esta noite. Só tens de me dizer.

O seu longo cabelo negro de azeviche, tão escuro que quase parecia azul como o sombreado da barba à luz cor de âmbar dos candeeiros discretos, caía-lhe por sobre o ombro musculado, até à cintura, e ela susteve rapidamente a respiração. Sabia como era a sensação dele varrendo-lhe os seios nus, roçando-lhe os mamilos, descendo mais abaixo, ao longo das coxas, à medida que ele a fazia chegar a orgasmo atrás de estremecido orgasmo.

— Como se fosse preciso eu dizer alguma coisa. Tu sabes o que eu quero antes de eu própria o saber. — Ouviu a inflexão na sua voz, e percebeu que ele a ouvira também. Enervava-a o facto de ele a conhecer tão bem. Antes de saber o que queria, já ele lho estava a dar.

Aquilo tornava-o perigosamente viciante.

Ele sorriu, mas o sorriso não lhe chegava bem aos olhos. Não estava certa de alguma vez lho ter visto chegar-lhe aos olhos. Esses nunca mudavam, apenas observavam e esperavam. Como os olhos dourados de um tigre, os dele eram vigilantes e contudo arredios, divertidos e contudo desprendidos. Olhos esfomeados. Olhos predadores. Por mais do que uma vez, ela desejara perguntar-lhe o que viam aqueles olhos de tigre. O que lhes ia lá dentro, do que raio parecia ele estar à espera, mas na bem-aventurança do seu corpo rijo contra o dela esquecia-se sistematicamente, até estar de volta ao trabalho e ser tarde de mais para perguntar.

Há dois meses que dormia com ele, e não sabia mais a respeito dele agora do que no dia em que o tinha conhecido no Starbucks,⁶ do outro lado

⁶ Multinacional com a maior cadeia de cafetarias em todo o mundo, com sede em Seattle, EUA, e com a sua própria selecção de cafés. (N. da T.)

da rua do escritório O’Leary Banks e O’Malley, de que era associada, graças em parte ao pai, o O’Malley sénior, e em parte à sua própria implacabilidade. Bastara um olhar para o homem sombriamente sedutor, de um metro e noventa e cinco de altura, por sobre o rebordo do seu café com leite, para saber que tinha de possuí-lo. Talvez tivesse tido qualquer coisa que ver com a forma como ele lhe sustivera o olhar enquanto lambia preguiçosamente o *chantilly* do seu moca, fazendo-a imaginar aquela língua provocante a efectuar coisas bem mais íntimas. Talvez tivesse tido qualquer coisa que ver com o puro ardor sexual que ele emanava. Sabia que tinha muito que ver com o perigo que dele se desprendia. Havia dias em que se interrogava se alguma vez o defenderia como a um dos seus controversos e reputados clientes no futuro próximo ou mais ou menos longínquo.

Nesse mesmo dia em que se tinham cruzado, haviam rolado pelo seu tapete berbere, da lareira até às janelas, lutando silenciosamente para encontrar a posição suprema, até que ela deixara de se importar com a forma como ele a possuía, desde que a possuísse.

Com a reputação de ter uma língua afiada e mente a condizer, ela jamais as aplicara nele. Não fazia ideia de como ele mantinha o seu pródigo estilo de vida, como se dava ao luxo de ter as suas obscenamente valiosas colecções de arte e armas antigas. Não sabia onde ele nascera, nem mesmo o dia do seu aniversário.

No trabalho, preparava mentalmente o seu interrogatório, mas inevitavelmente as perguntas inquiridoras ficavam-lhe presas na língua assim que lhe punha os olhos em cima. A ela, a impiedosa interrogadora numa sala de tribunal. Ficava de língua atada no quarto dele. Por vezes, atada de formas infinitamente mais apazíveis. O homem era um verdadeiro mestre do erotismo.

— Cismas, moça? Ou apenas decides como me queres? — ronrou ele.

Katherine humedeceu os lábios. *Como o queria ela?*

Queria-o fora da massa do seu sangue. Mantinha a esperança de que, da próxima vez que dormisse com ele, o sexo não fosse tão alucinante. O homem era demasiado perigoso para ela se envolver emocionalmente com ele. Ainda na véspera se deixara ficar depois da missa, rezando para se ver livre do seu vício por ele — *por favor, Deus, depressa*. Sim, ele fazia-lhe ferver o sangue, mas havia qualquer coisa nele que lhe gelava a alma.

Entretanto — irremediavelmente fascinada como estava —, sabia exactamente como iria tê-lo. Mulher de armas, sentia-se excitada pela força de um homem dominador. Acabaria a noite esparramada sobre o seu sofá de pele. Ele enterrar-lhe-ia o punho no seu cabelo comprido, penetrando-a por trás. Trincar-lhe-ia a nuca quando ela se viesse.

Inspirou com força, deu um passo em frente, e ele já estava em cima dela, arrastando-a para o tapete espesso. Com lábios firmes, sensual, com um laivo de crueldade, cobriu-a com o corpo enquanto a beijava, semicerando os olhos dourados.

Havia qualquer coisa nele que raiava o aterrorizador, pensou ela enquanto ele lhe pregava as mãos ao chão e se erguia acima dela, belo de mais, pródigo em segredos obscuros que suspeitava nenhuma moça dever sequer imaginar — e isso tornava o sexo tão mais requintado, esse ligeiro vislumbre de perigo.

Foi o seu último pensamento coerente por muito, muito tempo.

Dageus MacKeltar espalmou as mãos contra a parede de janelas e olhou fixamente para a noite, o seu corpo separado de um mergulho de quarenta e três andares por uma superfície de vidro. O zumbido abafado da televisão quase se diluía no bater da chuva contra as janelas. Uns poucos metros à sua direita, o ecrã de cento e cinquenta e dois centímetros reflectia-se no vidro reluzente e David Boreanaz avançava furtivamente com um ar pensativo, no seu papel de Angel, o vampiro torturado com alma.⁷ Dageus olhou o tempo suficiente para se certificar de que era uma repetição, depois deixou o olhar vaguear de volta para a noite.

O vampiro encontrava sempre pelo menos uma resolução parcial, e Dageus começara a reçar que, para ele, não houvesse nenhuma. Jamais.

Além disso, o seu problema era um pouco mais complicado do que o de Angel. O problema de Angel era uma alma. O problema de Dageus era uma legião delas.

Passando uma mão pelo cabelo, observou minuciosamente a cidade lá em baixo. Manhattan: uns meros trinta e cinco quilómetros quadrados. Habitados por aproximadamente dois milhões de pessoas. Depois havia a metrópole em si, com sete milhões de pessoas apinhadas em pouco mais de quatrocentos e oitenta quilómetros quadrados.

Era uma cidade de proporções grotescas para um *Highlander* do século dezasseis, de uma imensidade simplesmente inconcebível. Quando chegara à cidade de Nova Iorque, andara horas à volta do Empire State Building. Cento e dois andares, dez milhões de tijolos, um interior de mais de onze milhões de metros cúbicos, trezentos e oitenta e um metros de altura, era atingido por raios em média quinhentas vezes por ano.

⁷ Personagem da série de culto da televisão norte-americana “*Buffy, the Vampire Slayer*”, que passou em Portugal com o título “Buffy, a Caçadora de Vampiros”, e mais tarde protagonista da sequela “Angel, o Caçador de Vampiros”. (N. da T.)

Que espécie de homens construía tais monstruosidades?, interrogara-se. Pura insanidade, era o que aquilo era, maravilhara-se o *Highlander*.

E um excelente sítio a que chamar casa.

A cidade de Nova Iorque atraía a escuridão dentro dele. Fizera o seu covil no seu coração palpitante.

Homem sem clã, desterrado, nómada, desfizera-se do homem do século dezasseis como um *plaid*⁸ mais que usado e aplicara o seu formidável intelecto de Druida para assimilar o século vinte e um: a nova linguagem, os costumes, a incrível tecnologia. Embora houvesse ainda muitas coisas que ele não compreendia — certas palavras e expressões simplesmente ultrapassavam-no, e a maior parte do tempo pensava em gaélico, latim ou grego e tinha de fazer a tradução à pressa —, adaptara-se a uma velocidade notável.

Homem possuidor do conhecimento esotérico para abrir um portal através do tempo, ele *esperara* que cinco séculos tivessem tornado o mundo um lugar muitíssimo diferente. O seu entendimento do druidismo, da geometria sagrada, da cosmologia, e das leis naturais daquilo a que o século vinte e um chamava física, haviam-lhe tornado as maravilhas do novo mundo mais fáceis de sondar.

Não que não desse consigo frequentemente embaçado. Dava. Voar num avião deixara-o enormemente perturbado. A inteligente engenharia e a fabulosa construção das pontes de Manhattan haviam-no mantido ocupado dias.

As pessoas, as massas fervilhantes de gente, deixavam-no perplexo. Ele suspeitava de que o deixariam sempre. Havia uma parte do *Highlander* do século dezasseis que ele jamais seria capaz de mudar. Essa parte sentiria eternamente a falta das vastidões de céu estrelado, léguas e léguas de montes ondulados a perder de vista, campos infindáveis de urze, e jubilosas e formosas moças escocesas.

Aventurara-se a vir para a América pois tivera esperança de que, se viajasse para longe da sua bem-amada Escócia, de lugares de poder como as pedras altaneiras, poderia atenuar o domínio dos antigos demónios dentro dele.

E isso *tinha-os* afectado, embora houvesse apenas abrandado, não detido, a sua descida para a escuridão. Dia após dia, ele continuava a mudar... sentia-se mais frio, mais desligado, menos agrilhado pela emoção humana. Mais deus desaparegado, menos homem.

A não ser quando cobria uma moça — oh, então estava vivo. *Então* sentia. Então não se encontrava à deriva num mar sem fundo, escuro, e

⁸ Espécie de manta ou capa de lã, normalmente em xadrez, usada pelos antigos Escoceses das Terras Altas, enrolada em torno da cintura e com uma ponta caindo sobre o ombro esquerdo. (N. da T.)

alteroso, com coisa alguma senão um insignificante pedaço de madeira à deriva a que se agarrar. Fazer amor com uma moça repelia a escuridão, repunha a sua essência humana. Desde sempre um homem de apetites imensos, era agora insaciável.

Ainda não estou inteiramente negro, rosnava desafiadoramente para os demónios enroscados dentro de si. Aqueles que esperavam o seu tempo numa certeza silenciosa, qual maré negra que o corroía tão firme e infalivelmente como o oceano dava uma nova forma a uma costa rochosa. Ele percebia as suas táticas: o verdadeiro mal não tomava de assalto agressivamente, deixava-se ficar enroscado calado e imóvel... e seduzia.

E estava ali a cada dia que passava, numa clara evidência dos seus ganhos, nas pequenas coisas que ele fazia sem se aperceber que fazia até que já estavam feitas. Coisas aparentemente inofensivas, como acender o fogo na lareira com um aceno de mão e o sussurrar da palavra *teine*,⁹ ou abrir uma porta ou um estore com um suave murmúrio. O apelo impaciente a um dos seus meios de transporte — um táxi — com um simples olhar.

Coisas pequeninas, quiçá, mas ele bem sabia que essas coisas estavam longe de ser inofensivas. Bem sabia que, de cada vez que recorria à magia, se tornava um pouco mais escuro, perdia outro pedaço de si próprio.

Cada dia era uma batalha para lograr três coisas: usar apenas a magia absolutamente necessária, apesar da tentação ser cada vez maior, copular feroz, rápida e frequentemente, e continuar a recolher e a procurar os tomos onde poderia encontrar a resposta à sua premente questão.

Haveria alguma maneira de se ver livre dos seres da escuridão?

Se não... bem, se não...

Passou uma mão pelo cabelo e expirou com força. De olhos semi-cerrados, observou as luzes bruxuleantes através do parque, enquanto atrás de si, no sofá, a moça dormia o sono sem sonhos da exaustão total. No dia seguinte, círculos escuros iriam macular as depressões delicadas sob os seus olhos, imprimindo às suas feições uma fragilidade enganadora. Os seus jogos de cama cobravam o seu tributo a uma mulher.

Duas noites atrás, Katie humedecera os lábios e observara com casualidade estudada que ele parecia estar à espera de alguma coisa.

Ele sorria e fizera-a rebolar sobre o estômago. Beijara o seu corpo doce, morno e desejoso da cabeça aos pés. Lambera cada centímetro dela, depois possuía-a, montara-a, e quando acabara ela gritava de prazer.

Ou se esquecera da pergunta que fizera ou pensara duas vezes. Katie O'Malley não era tola nenhuma. Sabia que havia mais coisas nele do que

⁹ Termo gaélico escocês que significa, entre outras coisas, “chama”. (N. da T.)

desejava realmente saber. Queria-o para fazer sexo, nada mais. O que era perfeito, pois ele era incapaz de mais.

Espero pelo meu irmão, moça, não dissera ele. Espero pelo dia em que Drustan se canse da minha recusa em regressar à Escócia. Pelo dia em que a sua mulher nã esteja tão grávida que ele receie sair do pé dela. Pelo dia em que ele finalmente reconheça aquilo que já sabe no seu coração, embora tão desesperadamente se agarre às minhas mentiras: que eu sou negro como o céu nocturno, com nã mais que umas luzinhas trémulas à laia de estrelas ainda dentro de mim.

Oh, oh, sim, estava à espera do dia em que o seu irmão gémeo atravessasse o oceano para vir ter com ele.

O visse como o animal que era.

Se permitisse que esse dia chegasse, sabia que um deles morreria.

2

Do outro lado do oceano, não na Escócia mas em Inglaterra, uma terra cujos Druidas Drustan MacKeltar em tempos clamara, erradamente, mal possuírem poder suficiente para lançarem um simples feitiço do sono, tinha lugar uma conversa urgente e secreta.

— Estabeleceste contacto?

— Não me atrevo, Simon. A transformação ainda não está completa.

— Mas já se passaram muitos meses desde que os *Draghar* se apoderaram dele!

— Ele é um Keltar. Embora não possa vencer, continua a oferecer resistência. Será o poder a corrompê-lo, e ele recusa-se a usá-lo.

Um longo silêncio. Depois Simon disse: — Estivemos milhares de anos à espera do regresso deles, conforme nos foi prometido na Profecia. Estou farto de esperar. Espicaça-o. Dá-lhe motivos para *precisar* do poder. Não vamos perder a batalha desta vez.

Um rápido assentimento de cabeça. — Eu encarrego-me disso.

— Sê discreto, Giles. Não o alertes ainda para a nossa existência. No momento oportuno, fá-lo-ei eu. E, caso corra alguma coisa mal... bem, sabes o que fazer.

Outro rápido assentimento de cabeça, um sorriso de antecipação, um adejar de pano e o seu companheiro foi-se, deixando-o sozinho no círculo de pedras sob uma chamejante alvorada inglesa.

O homem que tinha dado a ordem, Simon Barton-Drew, senhor da seita de Druidas dos *Draghar*, recostou-se contra uma pedra coberta de musgo, afagando distraidamente a tatuagem da serpente alada que tinha no pescoço, varrendo com o olhar os antigos monólitos. Homem alto e magro, de cabelo grisalho, rosto afilado de raposa e uns olhos cinzentos inquietos que nada perdiam, sentia-se honrado pelo facto de momento tão auspicioso ter chegado durante a sua governação. Esperara trinta e dois anos por este momento, desde o nascimento do seu primeiro filho, que coincidira

com o dia em que fora iniciado no santuário secreto da seita. Havia aqueles como os Keltar, que serviam os *Tuatha Dé Danaan*, e havia aqueles como ele, que serviam os *Draghar*. A seita de Druidas dos *Draghar* mantivera a fé durante milhares de anos, passando a Profecia de geração em geração: a promessa do regresso dos seus antigos dirigentes, a promessa daquele que os conduziria à glória. Aquele que recuperaria de volta todo o poder que os *Tuatha Dé Danaan* lhes haviam roubado há tanto tempo.

Sorriu. Quão apropriado que logo um dos Keltar tão queridos dos *Tuatha Dé* contivesse agora dentro de si o poder dos antigos *Draghar* — a liga dos treze mais poderosos Druidas que jamais haviam vivido. Quão poético que fosse logo um dos *Tuatha Dé* a destruí-los finalmente.

E a reclamar o legítimo lugar dos Druidas no mundo.

Não como os tão difamados tolos, abraçadores de árvores e colhedores de visco que haviam permitido que o mundo acreditasse eles serem.

Mas como governantes da Humanidade.

— *Só pode* estar a brincar — vociferou Chloe Zanders, afastando o longo cabelo encaracolado do rosto com ambas as mãos. — Quer que eu leve o terceiro *Livro de Manannán*¹⁰ — e, sim, eu sei que se trata apenas de uma reprodução de um excerto do original, mas ainda assim inestimável — a um homem qualquer do East Side que provavelmente vai estar a comer *pipocas* ao mesmo tempo que lhe põe as patas em cima? Como se ele fosse mesmo lê-lo. As partes que não estão em latim estão em gaélico antigo. — De punhos na cintura, olhou furibunda para o chefe, um dos vários co-curadores da colecção medieval contida no Cloisters¹¹ e no Met. — Para que é que ele o quer? Disse alguma coisa?

— Não perguntei — replicou Tom, encolhendo os ombros.

— Oh, fantástico. Não perguntou. — Chloe abanou a cabeça, incrédula. Embora o exemplar sobre o qual os seus dedos poisavam agora delicadamente não contivesse iluminuras, e tivesse uns meros cinco séculos de idade — praticamente mil anos mais novo que os textos originais que residiam no Museu Nacional da Irlanda —, era um pedaço sagrado de História, exigindo total reverência e respeito.

¹⁰ *Manannán Mac Lir*, literalmente Manannán (O da Ilha de Man) filho (*Mac*) do mar (*Lir*), é o deus celta do mar, a quem se atribui a guarda do portal que conduz ao outro mundo. Embora anterior à chegada à Irlanda dos *Tuatha Dé Danaan*, após uma batalha em que os assiste passa a ser contado como um deles. (N. da T.)

¹¹ *The Cloisters*, literalmente “Os Claustros”, um ramo do Metropolitan Museum of Art (Met) dedicado à arte e arquitectura europeias da Idade Média. (N. da T.)

Não uma coisa a ser carregada pela cidade, e confiada às mãos de um estranho.

— Quanto é que ele ofereceu? — perguntou, irritada. Sabia que devia ter estado implicada alguma espécie de suborno. Não era possível “tirar coisas para consulta” do Cloisters assim como não se ia ao Trinity College pedir emprestado o *Livro de Kells*.¹²

— Um *skean dhu*¹³ adornado de jóias do século quinze e uma inestimável espada de Damasco — disse Tom com um sorriso beatífico. A espada de Damasco data das Cruzadas. Ambas as peças foram autenticadas.

Um delicado erguer de sobrolho. O assombro sobrepondo-se rapidamente ao ultraje. — Uau. A sério? — Um *skean dhu*! Os seus dedos dobraram-se de antecipação. — Já os tem consigo? — Antiguidades, amava-as todas e cada uma, desde o rosário de contas único com todas as cenas da Paixão nele esculpidas, até às Tapeçarias do Unicórnio¹⁴ e à esplêndida coleção de espadas medievais.

Mas adorava especialmente todas as coisas escocesas, que lhe faziam lembrar o avô que a educara. Quando os pais tinham morrido num acidente de automóvel, Evan MacGregor precipitara-se a ir buscar a destroçada neta de quatro anos para um novo lar no Kansas. Orgulhoso da sua herança, dotado de um apaixonado temperamento escocês, impregnara-a do seu amor por todas as coisas celtas. Era um sonho dela fazer um dia uma viagem até Glengarry, para ver a cidade onde ele nascera, visitar a igreja onde ele se casara com a avó, passear pelas charnecas de urze sob uma lua prateada. Tinha o passaporte preparado, à espera daquele encantador carimbo; só tinha de poupar dinheiro suficiente.

Talvez lhe levasse mais um ano ou dois, especialmente agora com o custo de vida em Nova Iorque, mas havia de chegar lá. E mal podia esperar. Em criança adormecera noites incontáveis ao som do suave sotaque escocês do avô, com os seus erros rolados, enquanto ele ia desfiando contos fantásticos da sua terra natal. Quando ele morrera, há cinco anos, ela ficara devastada. Por vezes, sozinha à noite no Cloisters, dava consigo a falar em voz alta com ele, sabendo que — embora ele tivesse odiado a vida da cidade

¹² Manuscrito iluminado celta de cerca de 800 a. C, que deve o seu nome à abadia de Kells, na Irlanda, onde permaneceu durante séculos. (N. da T.)

¹³ Adaga (literalmente, faca preta ou oculta) que os Escoceses das Terras Altas usavam oculta na bota ou na roupa. (N. da T.)

¹⁴ Ciclo de tapeçarias francesas intituladas “A Dama e o Unicórnio”, consideradas como uma das grandes obras da arte medieval europeia, geralmente interpretadas como representando os seis sentidos — paladar, audição, visão, olfacto, tacto e “*À mon seul désir*” (Para meu exclusivo desejo), que se julga significar a renúncia às paixões, o sexto sentido do entendimento, ou o amor ou virgindade. (N. da T.)

ainda mais do que ela — teria adorado a sua escolha de carreira profissional. Preservar os artefactos e antigos costumes.

Semicerrou os olhos quando a risada de Tom desfez em estilhaços a sua divagação. Ele ria-se da sua repentina transição do ultraje para o assombro. Retomou a compostura e compôs uma nova expressão no rosto. Não era difícil. Um estranho ia tocar num texto inestimável. Sem supervisão. Quem sabia o que lhe poderia acontecer?

— Sim, já os tenho, Chloe. E não te pedi a opinião quanto aos meus métodos. A tua função é olhar pelos arquivos...

— Tom, tenho o mestrado em civilizações antigas e falo tantas línguas como o Tom. Sempre disse que a minha opinião é importante. É ou não é?

— Claro que é, Chloe — disse Tom, repentinamente mais calmo. Tirou os óculos e começou a limpá-los com uma gravata que ostentava o usual monte de nódoas de café e migalhas de *donuts* com recheio de geleia. — Mas se eu não tivesse acedido, ele ia doar as armas ao Museu Real da Escócia. Sabes como é feroz a competição por artefactos de qualidade. Compreendes a política. O homem é rico, generoso, e tem uma colecção e tanto. Talvez consigamos convencê-lo a fazer alguma espécie de doação testamentária após a sua morte. Se ele deseja passar uns dias com um texto de quinhentos anos, um dos menos valiosos por acaso, vai poder fazê-lo.

— Se ele se atrever a sujar as páginas com uma migalha de pipoca que seja, eu mato-o.

— Foi precisamente por isso que te aliciei a vires trabalhar aqui comigo, Chloe; adoras estas velharias tanto como eu. E eu adquirei mais dois tesouros hoje, por isso sê uma querida e *vai entregar o texto*.

Chloe bufou. Tom conhecia-a bem de mais. Tinha sido seu professor de História Medieval na Universidade do Kansas antes de assumir o seu cargo de co-curador. Há um ano conseguira localizá-la onde se encontrava a trabalhar sob um deprimente pretexto num museu do Kansas e oferecera-lhe emprego. Embora tivesse sido difícil deixar a casa onde crescera, cheia de tantas recordações, uma oportunidade de trabalhar no Cloisters não era de perder, independentemente do enorme choque cultural que isso representava para ela. Nova Iorque era polida, esfomeada e mundana, e, na sua imensa sofisticação, a rapariga do Kansas rural sentia-se irremediavelmente desajeitada.

— O quê, estão à espera de que simplesmente vá para a rua com isto enfiado debaixo do braço? Com o Fantasma Gaulês aí à solta? — Ultimamente tinha havido um surto de roubos de manuscritos celtas de colecções privadas. A comunicação social tinha alcunhado o ladrão de Fantasma Gaulês, pois ele apenas roubava coisas celtas e não deixava qualquer pista, aparecendo e desaparecendo como um espectro.

— Pede à Amelia que o embrulhe. O meu carro está à porta, à espera. O Bill tem o nome e endereço do homem. Ele leva-te lá e ficará a dar voltas ao quarteirão enquanto dás um pulo lá acima. E não hostilizes o homem quando o entregares — acrescentou.

Chloe rolou os olhos nas órbitas e suspirou, mas pegou com cuidado no texto. Quando ia a sair, Thomas disse: — Quando voltares mostro-te as armas, Chloe.

O seu tom era apaziguador mas divertido, e aquilo irritou-a. Ele *sabia* que ela viria a correr para as ver. Sabia que iria uma vez mais fechar os olhos aos seus ilegítimos métodos de aquisição.

— Suborno. Abjecto suborno — resmungou. — E isso não me *fará* aprovar o seu procedimento.

Mas já estava a arder para tocar nelas. Para passar um dedo pelo metal frio, sonhar com tempos e lugares antigos.

Criada nos valores do Midwest, idealista até ao âmago, Chloe Zanders tinha uma fraqueza, e Tom bem a conhecia. Era só pôr-lhe uma anti-guidade nas mãos e ficava seduzida.

E se fosse uma *antiguidade escocesa*? Xi, aí estava perdida.

Havia dias em que Dageus se sentia tão antigo como o mal dentro dele.

Enquanto chamava um táxi para ir ao Cloisters buscar um exemplar de um dos últimos tomos que precisava de consultar em Nova Iorque, nem reparava nos olhares fascinados que as mulheres que passavam lhe dirigiam. Não tinha consciência de que, mesmo numa metrópole que pululava de diversidade, ele se destacava. Não era nada que ele dissesse ou fizesse; aparentemente não passava de mais um homem rico, pecaminosamente deslumbrante. Era simplesmente a essência do homem. A forma como se movia. Cada gesto seu resumava poder, algo obscuro e... proibido. Tinha uma carga sexual tal que fazia as mulheres pensarem em fantasias profundamente reprimidas que tanto terapeutas como feministas se pelariam por ouvir contar.

Mas ele de nada disso tinha consciência. Os seus pensamentos estavam longe, ruminando ainda os disparates contidos no *Livro de Leinster*.¹⁵

Oh, o que não daria pela biblioteca do pai.

Em vez disso, tinha vindo a obter sistematicamente os manuscritos

¹⁵ Manuscrito irlandês medieval do século XII, uma das fontes mais importantes em matéria de literatura medieval, genealogia e mitologia celtas irlandesas, actualmente conservado no Trinity College de Dublin. (N. da T.)

ainda existentes, esgotando as presentes possibilidades antes de se aventurar noutras mais arriscadas. Como, por exemplo, pôr o pé de novo nas ilhas dos seus antepassados, coisa aparentemente cada vez mais inevitável.

Pensando em riscos, tomou mentalmente nota para devolver alguns dos volumes que tomara “emprestados” de colecções privadas quando os subornos haviam falhado. De nada servia tê-los consigo demasiado tempo.

Olhou de relance o relógio por cima do banco. Meio-dia e quarenta e cinco. O co-curador do Cloisters assegurara-lhe que o texto lhe seria entregue logo de manhã, mas ainda não tinha chegado e Dageus estava farto de esperar.

Necessitava de informação, informação *exacta* sobre os antigos benfeitores dos Keltar, os *Tuatha Dé Danaan*, esses “deuses e não-deuses”, como lhes chamava o *Livro da Vaca Parda*.¹⁶ Tinham sido eles os responsáveis pelo aprisionamento original dos Druidas negros entre mundos, o que levava a crer que haveria maneira de os aprisionar de novo.

Era imperativo que ele a descobrisse.

Enquanto se acomodava dentro do táxi — uma tortura para um homem da sua estatura —, a sua atenção foi atraída por uma moça a sair de um carro junto ao passeio diante deles.

Ela era diferente, e foi a diferença que lhe atraiu o olhar. Nada tinha do verniz citadino e ainda se tornava mais encantadora por causa disso. Refrescantemente despenteada, maravilhosamente livre dos artifícios com que as mulheres modernas realçavam os rostos, era uma autêntica visão.

— Espere — rosnou para o motorista, observando-a com um olhar esfomeado.

Cada sentido seu dolorosamente aguçado. Cerrou os punhos à medida que o desejo, jamais saciado, o inundava.

Algures na sua ancestralidade, a moça tinha sangue escocês. Lá estava ele nas ondas encaracoladas dos seus cabelos louros-acobreados, que tombavam sobre um rosto delicado com um maxilar surpreendentemente forte. Lá estava ele na sua tez de pêssego com natas e nos enormes olhos de água-marinha — uns olhos que ainda olhavam o mundo com maravilhamento, notou ele com um sorriso levemente trocista. Lá estava ele num fogo que fervilhava mesmo abaixo da superfície da sua pele sem mácula. Pequenina, lascivamente roliça onde convinha, com uma cintura delgada e

¹⁶ *Lebor na hUidre* ou *Lebor na hUidre*, o *Book of the Dun Cow* (*Livro da Vaca Parda*), é um manuscrito irlandês datado do princípio do século XII e contendo documentos sobre a origem mítica da Irlanda e a mitologia celta. O título faz referência à vaca de cujo couro se acredita ter sido feito, pertencente a um monge da abadia de Clonmacnoise, São Cirano. (N. da T.)

pernas bem torneadas abraçadas por uma saia justa, a moça era o sonho de um *Highlander* exilado.

Humedeceu os lábios e olhou-a fixamente, fazendo um ruído no fundo da garganta que era mais animal que humano.

Quando ela se inclinou através da janela aberta do carro para dizer alguma coisa ao motorista, a parte de trás da saia subiu uns centímetros. Inspirou com força, visualizando-se por trás dela. Todo o seu corpo se retesou de desejo.

Cristo, era encantadora. Curvas lascivas capazes de fazerem levantar um morto.

Ela inclinou-se um tudo-nada para diante, revelando mais daquela doce curva da parte de trás da coxa.

Ficou com a boca ferozmente seca.

Nã p'ra mim, preveniu-se a si próprio, rangendo os dentes e mudando de posição para diminuir a pressão no membro subitamente doloroso de rijo. Apenas levava moças experientes para a cama. Moças de longe mais velhas de corpo e mente. Não transpirando, como ela, inocência. Sonhos resplandecentes e um futuro radioso.

Polidas e mundanas, com palatos estafados e corações cínicos — aquelas com que um homem podia enrolar-se e deixar sem mais de manhã, prontas para outra.

Ela era do tipo com que um homem ficava.

— Siga — murmurou para o motorista, forçando-se a desviar o olhar.

Chloe batia impacientemente com o pé, encostada à parede junto à recepção. O maldito homem não estava lá. Já se encontrava à espera há quinze minutos, na esperança de que ele aparecesse. Há uns instantes dissera finalmente a Bob que se fosse embora sem ela, que ela apanharia um táxi de volta para o Cloisters a expensas do departamento.

Tamborilava impacientemente com os dedos no balcão. Apenas queria entregar a sua encomenda e ir-se embora. Quanto mais depressa se visse livre dela, mais depressa esqueceria o seu papel naquele caso sórdido.

Ocorreu-lhe que, a menos que descobrisse uma alternativa, iria provavelmente acabar por perder o resto do dia. Um homem que vivia nos East 70s com tal abundância era um homem acostumado a fazer-se esperar.

Olhando de relance à sua volta, espiou uma possível alternativa. Inspirando fundo e alisando o fato, enfiou a encomenda debaixo do braço e atravessou decididamente o elegante e enorme átrio até à secretária da se-

gurança. Dois homens avantajados envergando impecáveis uniformes pretos e brancos prestaram atenção quando ela se aproximou.

Quando chegara a Nova Iorque no ano anterior, soubera imediatamente que jamais faria parte da mesma liga das mulheres cidadinas. Polidas e chiques, eram *Mercedes* e *BMW*s e *Jaguares*, e Chloe Zanders era um... Jipe, ou talvez um *Toyota Highlander* num bom dia. A sua mala nunca condizia com os sapatos — já tinha sorte se um *sapato* condissesse com o outro. No entanto, acreditava em que se deve aproveitar o que se tem, de maneira que fez os possíveis por emprestar um ligeiro encanto feminino ao andar, rezando para não torcer um tornozelo.

— Tenho uma encomenda para o Sr. MacKeltar — anunciou, retorcendo os lábios no que esperava ser um sorriso sedutor, tentando amansá-los o suficiente para lhe permitirem ir deixar a maldita coisa num local um pouco mais seguro. Nem pensar em deixá-la ao adolescente coberto de borbulhas no balcão da recepção. Nem a estes brutamontes avantajados.

Dois olhares de soslaio varreram-na da cabeça aos pés. — Estou certo disso, querida — disse o homem louro numa fala arrastada. Lançou-lhe mais um olhar de alto a baixo. — Mas não é o tipo dele.

— O Sr. MacKeltar recebe *montes* de encomendas — observou o seu colega moreno com um sorriso afectado.

Oh, fantástico. Fantástico mesmo. O homem é um mulherengo. Pipocas e sabe Deus o que mais nas páginas. Grr.

Mas pensando bem estava com sorte, disse de si para si uns minutos depois, enquanto subia no elevador até ao quadragésimo terceiro andar. Tinham-na deixado ir até lá acima sem companhia, o que era de pasmar num prédio de luxo do East Side.

Deixe-lha na antecâmara; é suficientemente segura, tinha dito o louro, embora o seu sorriso insinuante dissesse claramente que ele acreditava a verdadeira encomenda ser *ela*, e não estivesse à espera de vê-la de volta nos próximos dias, pelo menos.

Se ao menos Chloe soubesse como aquilo era verdade — que de facto ele não voltaria a vê-la durante dias —, *jamais* teria subido naquele elevador.

Mais tarde, haveria igualmente de reflectir que, se ao menos a porta estivesse trancada, tudo teria corrido bem. Mas quando chegou à antecâmara do Sr. MacKeltar, a abarrotar de flores exóticas e adornada com elegantes cadeiras e magníficos tapetes, apenas conseguira pensar que a segurança podia deixar subir uma galdéria qualquer, tal como a deixara a ela, e que a

dita galdéria podia arrancar uma página do precioso texto para embrulhar a pastilha elástica, ou algo igualmente sacrílego.

De modo que, suspirando, alisou o cabelo e experimentou uma das portas duplas.

Esta deslizou silenciosamente, abrindo-se — céus, seriam aquelas dobradiças de ouro? Teve uma visão da sua figura embasbacada reflectida numa delas. Havia pessoas com mais dinheiro que bom senso. Apenas *uma* daquelas estúpidas dobradiças seria suficiente para pagar a renda do seu minúsculo estúdio durante meses.

Abanando a cabeça, entrou lá para dentro e pigarreou. — Está lá? — chamou, ao ocorrer-lhe que a porta podia não estar trancada por ele lá ter deixado uma da sua aparente miríade de mulheres.

— Está lá, está lá? — chamou outra vez.

Silêncio.

Luxo. Como ela jamais tinha visto.

Olhou de relance à sua volta, e *ainda assim* podia não ter havido problema não fosse ter avistado o glorioso espadão escocês pendurado sobre a lareira da sala de estar. Atraiu-a qual traça para a chama.

— Oh, minha coisinha linda, maravilhosa e esplêndida — exclamou, correndo para lá, prometendo a si própria que só ia deixar o manuscrito em cima da mesa de café de mármore, dar uma olhadela rápida, e pôr-se a andar.

Vinte minutos mais tarde estava imersa numa exploração da casa dele, o coração martelando-lhe nervosamente, mas demasiado fascinada para parar.

— Como é que ele se *atreve* a deixar a porta destrancada? — grunhiu, franzindo o sobrolho para uma magnífica espada medieval. Casualmente encostada a um canto da parede. Pronta a agarrar. Embora Chloe se orgulhasse dos seus sólidos valores morais, sentiu uma ânsia chocante de a meter debaixo do braço e fugir com ela.

A casa estava cheia de artefactos — e todos celtas! Armas escocesas datando do século quinze, se não estava em erro, e raramente estava, adornavam uma parede da biblioteca. Inestimáveis insígnias escocesas: *sporrans*,¹⁷ distintivos, e broches como novos jaziam ao lado de um monte de moedas em cima de uma secretária.

Tocou, examinou, abanou a cabeça, incrédula.

Enquanto antes nada sentira pelo homem senão aversão, começava a gostar cada vez mais dele, vergonhosamente seduzida pelo seu excelente gosto.

¹⁷ Bolsa de couro ou de peles, normalmente com adornos de prata ou outro material, usada à cintura pelos antigos Escoceses das Terras Altas. (N. da T.)

E ficava mais e mais curiosa a seu respeito a cada nova descoberta. Não havia fotografias, reparou, olhando à volta das salas. Nem uma. Adorava saber como seria ele.

Dageus MacKeltar. Que nome.

Nada contra Zanders, dizia-lhe frequentemente o avô, *é um excelente nome, mas é tão fácil apaixonares-te por um escocês como por um inglês, moça*. Uma pausa significativa. Um resmungo. Depois, inevitável como o nascer do sol, *Mais fácil, na verdade*.

Sorriu, lembrando-se de como ele estava sempre a encorajá-la a arranjar um apelido “como deve ser”.

O sorriso congelou-se-lhe assim que entrou no quarto de dormir.

O seu desejo de saber como ele era ascendeu a territórios obsessivos.

O quarto, o seu pecaminoso, decadente quarto, com a enorme cama de dossel esculpida à mão coberta de sedas e veludos, com a lareira de requintados azulejos, o *jacuzzi* de mármore negro no qual se podia ficar sentado a bebericar champanhe, a ver a vista de Manhattan através da janela a toda a largura da parede. Dúzias de velas rodeavam a banheira. Dois copos tinham sido deixados ao deus-dará sobre o tapete berbere.

O seu odor fazia-se sentir no quarto, odor a homem, especiarias e virilidade.

O coração bateu-lhe desordenado quando lhe ocorreu a enormidade do que estava a fazer. Estava a bisbilhotar o apartamento de um homem riquíssimo, na verdade especada no quarto do homem, por Deus! Precisamente no covil onde ele seduzia as suas conquistas.

E, pelo aparentar das coisas, ele tinha a sedução na conta de uma bela arte.

Carpete de lã virgem, cortinados de veludo negro cobrindo a cama monstruosa, lençóis de seda por baixo de uma sumptuosa coberta de veludo adornada de contas, espelhos ornamentais dignos de museu, emoldurados a prata e obsidiana.

Apesar das campainhas de aviso que lhe soavam na cabeça, não parecia conseguir levar-se a sair dali. Hipnotizada, abriu um armário, passando os dedos pelos óptimos fatos feitos à mão, inalando o subtil e inegavelmente sexual odor do homem. Requintados sapatos e botas italianos jaziam alinhados no chão.

Pôs-se a imaginá-lo.

Devia ser alto (ela *não* ia ter bebés baixinhos!) e bem-parecido, com um corpo elegante, embora nada de demasiado excepcional, e voz rouca. Devia ser inteligente, falar várias línguas (de modo a ronronar-lhe palavras gaélicas de amor ao ouvido), mas não demasiado polido, com umas arestas um tanto ou quanto rudes. Esquecer-se de fazer a barba, coisas assim. De-

via ser um bocadinho introvertido e meigo. Devia gostar de mulheres baixas e curvilíneas de tal maneira imersas nos livros que se esquecessem de depilar as sobrancelhas e pentear o cabelo e usar maquilhagem. Mulheres que nem sempre tivessem os sapatos emparelhados.

Como se, a voz da razão rebentou-lhe rudemente a bolha da imaginação. *O rapaz lá em baixo disse que não eras o tipo dele. Agora põe-te a andar, Zanders.*

E talvez ainda não fosse tarde de mais, ainda podia ter escapado não se tivesse ela aproximado daquele leito pecaminoso, perscrutando com curiosidade e não pouco fascínio os lenços de seda atados às colunas grossas como pequenos troncos de árvore.

A Chloe criada a milho do Kansas ficou chocada. Sem nunca ter ido até ao fim com um homem, Chloe ficou... com a respiração subitamente entrecortada, para dizer o mínimo.

Desviando os olhos, trémula, e recuando sobre as pernas vacilantes, quase lhe passou despercebido o canto do livro sobressaindo debaixo da cama.

Mas Chloe nunca perdia um livro. E ainda por cima um livro antigo.

Momentos depois, com a saia enrolada em torno das ancas, a mala abandonada em cima de uma cadeira, o casaco do *tailleur* atirado para o chão, tinha tirado para fora a sua presa: sete volumes medievais.

Todos eles recentemente dados como roubados por vários colecionadores.

Bom Deus — estava no antro do nefando Fantasma Gaulês! E não era de admirar que ele tivesse tantos artefactos: *roubava* tudo o que queria.

De gatas, vasculhando debaixo da cama à procura de mais evidências dos seus hediondos crimes, a opinião de Chloe Zanders a respeito do homem tinha dado uma completa reviravolta para pior. — Salafatório, moçaengo e *ladrão* — murmurou a meia-voz. — Inacreditável.

Cautelosamente, com o polegar e a ponta do indicador, tirou uma tanga de renda preta de debaixo da cama. *Blagh*. Uma embalagem de preservativo. Outra embalagem de preservativo. *Xi! Quantas pessoas vivem aqui?*

Magnum, publicitava a embalagem enfaticamente, *para o Homem Extra-Grande*.

Chloe pestanejou.

— Ainda não tentei fazê-lo debaixo da cama, moça — ronronou atrás dela uma voz profunda com sotaque escocês, — mas se é assim que prefere... e o resto de si for tão encantador como o que estou a ver... posso ser persuadido a fazer-lhe a vontade.

O coração dela parou de bater.

Ficou estática, o cérebro dividido no dilema entre lutar ou fugir. Com o seu pouco mais de um metro e sessenta e um, lutar não era a opção mais promissora. Infelizmente, o cérebro esqueceu-se de processar o facto de que se encontrava ainda debaixo da cama quando descarregou o ímpeto de adrenalina necessário para fugir, de modo que apenas logrou bater com a parte de trás da cabeça contra a sólida armação de madeira.

Atordoada, a ver estrelas, desatou aos soluços — uma coisa embaraçosa que lhe acontecia *sempre* que ficava nervosa, como se o simples facto de estar nervosa não fosse suficientemente mau.

Não precisou de sair de debaixo da cama para saber que estava metida num grande buraco.

Uma mão forte fechou-se com força em torno do seu tornozelo, e Chloe deixou escapar um gritinho.

Tentou dar um valente grito, mas um inconveniente soluço transformou-o num guincho implodido que a deixou sem respiração.

Implacavelmente, ele arrastou-a de debaixo da cama.

Freneticamente, ela agarrou-se à saia com ambas as mãos, tentando evitar que ela se lhe enrolasse à volta da cintura à medida que deslizava inexoravelmente para trás. A última coisa que queria era fazer uma aparição de rabo ao léu. O desenho das cuecas notava-se muito por baixo desta saia em particular (motivo pelo qual não a usava muitas vezes, a somar ao facto de ter engordado um bocado e de lhe estar justa), de maneira que tinha vestido os *collants* sem cuecas. Não era coisa que fizesse frequentemente. Claro que tinha de tê-lo feito hoje.

Uma vez fora da cama, ele largou-lhe o tornozelo. Ela ficou deitada de barriga para baixo na carpete, aos soluços e tentando desesperadamente recuperar o sangue frio.

Ele estava atrás dela, podia *senti-lo* a olhar fixamente para ela. Em silêncio.

Engolindo um soluço, incapaz de reunir coragem para olhar para trás para ele, ela disse vivamente, no sussurro mais desmiolado que conseguiu: — *Je ne parle pas anglais. Parlez-vous français?* — Depois, com um carregado sotaque francês (fazer-se de imbecil em latim pareceu-lhe um pouco de mais), acrescentou: — Serrviço de limpeza! — Soluço. — Eu limpo o quarto, *oui?* — Soluço.

Nada. O mais completo silêncio atrás dela.

Pondo-se cautelosamente de gatas, alisou a saia, fez por sentar-se e lá conseguiu pôr-se em pé sobre as pernas trémulas. Demasiado perturbada ainda para enfrentar o homem, dirigiu a atenção para um copo e um prato vazios em cima de uma mesa ao lado da cama e, determinada a conven-

cê-lo de que era do Serviço de Limpeza, apontou para lá, com um chilreio: — Prratos sujos. *Vous aimez* que eu lavo, *oui*?

Solução.

Um silêncio pesado, opressivo. Um farfalhar. O que *estava* ele a fazer?

Com inspirações profundas, ela virou-se lentamente. E o sangue fuggiu-lhe todo do rosto. Reparou de imediato em duas coisas, uma absolutamente irrelevante, a outra terrivelmente significativa: ele era o homem mais arrasadoramente deslumbrante que ela jamais vira na vida, e tinha a mala dela numa mão, retirando a bateria do seu telemóvel com a outra.

Deixou cair a bateria no chão e esmagou-a debaixo da bota.

— S-S-Serviço de Limpeza? — guinchou ela, voltando então de novo ao francês, demasiado nervosa para fazer alguma coisa mais do que tartamudear, por entre soluços, uma conversa sobre o tempo que aprendera no primeiro ano de francês, mas ele nem perceberia.

— Na verdade, *nã* está a chover, *moça* — disse ele secamente em inglês com acentuada pronúncia escocesa. — Embora seja certo que é um dos poucos momentos em que *nã* está desde a semana passada.

O coração de Chloe caiu-lhe aos pés. Oh, bolas, devia ter tentado grego!

— Chloe Zanders — disse ele, atirando-lhe a carta de condução. Ela estava aturdida de mais para apanhá-la; fez ricochete nela e caiu ao chão.

Merda. Merde. Raios.

— Do Cloisters. Encontrei-me com o seu chefe há um quarto de hora. Ele disse que estava aqui à minha espera. Jamais me teria passado pela cabeça que ele queria dizer aqui na minha cama. — Olhos perigosos. Olhos hipnotizadores. Sustinham os seus e ela não conseguia desviá-los.

— Debaixo da cama — balbuciou ela, abandonando o exagerado sotaque francês. — Eu estava *debaixo* da cama, não dentro dela.

A boca sensual dele retorceu-se num vislumbre de sorriso. O ligeiro divertimento não lhe assomou aos olhos.

Oh, Deus, pensou ela, fixando-o de olhos esbugalhados. A sua vida estava provavelmente em perigo e tudo o que conseguia fazer era olhar esgazeada. O homem era lindo. Impossivelmente lindo. Terrivelmente lindo. Ela nunca tinha visto um homem assim. Ele era cada uma das suas fantasias mais obscuras em carne e osso. O sangue escocês estava-lhe estampado por todas as feições cinzeladas.

Envergando calças pretas, botas pretas, um camisolão creme e um casaco de cabedal super macio, tinha um sedoso cabelo negro de azeviche atado atrás na nuca e revelando bem o rosto selvaticamente masculino. Lábios firmes e sensuais, o inferior bastante mais cheio que o superior, nariz orgulhoso e aristocrático, sobrancelhas negras arqueadas, uma estrutura

óssea pela qual qualquer modelo daria a vida. Um vislumbre de barba perfeitamente esculpido sombreava-lhe o maxilar perfeito.

Um metro e noventa e cinco, pelo menos, calculou ela. Constituição musculosa. A graça de um animal.

Os exóticos olhos dourados de um tigre.

Subitamente teve ânsias de tanta carne fresca.

— Quer-m'cá par'cer qu'temos um peq'nino problema, moça — disse ele numa ameaça velada, dando um passo na sua direcção.

Os soluços dela desapareceram instantaneamente. O mais puro terror podia fazê-lo. Melhor do que uma colher de açúcar ou um susto forçado.

— Não faço ideia do que está a falar — mentiu ela descaradamente. — Vim apenas entregar o texto e lamento muito ter-me distraído com os seus tesouros todos, e peço sinceras desculpas por lhe invadir a casa, mas o Tom está a contar comigo de volta, na verdade o Bill está lá em baixo à minha espera, e eu não vejo problema nenhum. — Olhou-o esgazeada e concentrou-se em fazer um ar delicado, estúpido e feminino. — Que problema? — Um tímido bater de pestanas. — Não há problema nenhum.

Ele nada disse, apenas desviou o olhar para os textos roubados em torno dos pés dela no meio de tangas e embalagens de preservativos.

Ela também olhou de relance para baixo. — Bem, sim, certamente que tem uma vida amorosa activa — murmurou estupidamente. — Mas não lhe levo a mal. — *Mulherengo!*

O olhar que ele lhe lançou deixou-lhe os cabelos da nuca em pé. Desviou de novo os olhos para os tomos, significativamente.

— Oh! Refere-se aos livros. Então gosta de livros — disse ela num tom ligeiro. — Nada de mais. — Encolheu os ombros.

Ele nada disse outra vez, apenas a susteve com aquele intenso olhar fixo dourado. Deus, o homem era atordoador! Fazia-a sentir-se como... como a Rene Russo em *O Caso Thomas Crown*¹⁸ — pronta a subjugar-se ao ladrão. Fugir para terras exóticas. Passear-se em *topless* por um terraço com vista para o mar. Viver fora da lei. Agarrada aos artefactos dele quando não estivesse agarrada a ele.

— Oh, moça — disse ele, abanando a cabeça —, nã sou tolo nenhum, por isso nã me insultes com mentiras. “Tã bom de ver que sabes muito bem que livros são. E de onde vieram — acrescentou gentilmente.

¹⁸ “*The Thomas Crown Affair*” no original, filme de 1999, realizado por John McTiernan e protagonizado por Pierce Brosnan e Rene Russo. Um multimilionário sem mais nada que fazer rouba um valiosíssimo quadro de Monet pelo simples desafio, mas depara-se com alguém à sua altura na forma de uma sedutora investigadora de seguros. (N. da T.)

Gentileza vinda dele era sinal de perigo. Ela percebeu-o instintivamente. Gentileza vinda deste homem significava que ele estava prestes a fazer alguma coisa de que ela não ia gostar mesmo *nada*.

E fez.

Abalroando-a com o seu corpo poderoso, fê-la recuar na direcção da cama e deu-lhe um pequeno empurrão que a fez cair desamparada sobre ela.

Com a graça de um tigre deitou-se em cima dela, pregando-a ao colchão por baixo dele.

— Juro — apressou-se ela a tartamudear — que não conto a ninguém. Não quero saber. Tudo bem para mim se eles estão em seu poder. Não tenho qualquer desejo de ir à Polícia ou qualquer coisa do género. Nem sequer *gosto* de polícias. Eu e os polícias nunca nos demos bem. Uma vez passaram-me uma multa por ir a setenta e cinco numa zona de setenta; como podia eu gostar deles depois disso? Não me importo a *mínima* se roubar metade da colecção medieval do Met, quero dizer, realmente, eles têm seis mil peças, de maneira que quem é que vai dar pela falta de umas quantas? Eu sou *ótima* a guardar segredos — quase guinchou ela. — Definitivamente, mais que certo, juro pela minha... hã, não soltarei a mais pequena palavra. Mãe. Pela minha mãe. E pode levar isso ao...

Os lábios dele cortaram-lhe a palavra e a respiração.

Oh, sim. Rene Russo aqui.

Aqueles lábios sensuais fecharam-se sobre os dela, roçando ao de leve, provando. Mas não tomando.

E por um momento de absoluta insanidade, ela quis que ele os tomasse. Quis que ele lhe esmagasse a boca num beijo ardente, esfaimado, contundente, e a ajudasse a descobrir aquele botão vermelho incandescente do amor que nem uma só vez chegara a ficar morno. O homem enchia a cabeça de uma mulher de fantasias que ela teria *jurado* não ter. Os seus lábios traiçoeiros apartaram-se sob os dele. Medo, disse ela de si para si, era apenas uma questão de medo convertido em excitação. Ouvira falar de pessoas que perante uma morte certa haviam sentido uma súbita descarga sexual que simplesmente não cedia.

Tão bizarramente, intensamente excitada, nem sequer reparou que ele estava a atar-lhe um lenço à volta do pulso, até o deixar bem apertado, e já era demasiado tarde e estava atada à cama dele. À sua pecaminosa e decadente cama. Movendo-se com uma graça e brusquidão inumanas, atou-lhe habilmente o outro pulso à outra coluna da cama.

Abriu a boca para gritar, mas ele abafou-lhe o grito com uma mão poderosa. Deitado em cima dela, olhando-a bem nos olhos, disse baixinho, cuidadosamente, pronunciando bem cada palavra: — Se gritares, serei forçado a amordaçar-te. E prefiro nã fazê-lo, moça. Seja como for, ninguém te

poderá ouvir aqui em cima. A escolha é tua. O que queres? — Ergueu um tudo-nada a mão, o suficiente apenas para poder ouvi-la responder.

— N-não me faça mal — sussurrou ela.

— Nã tenho intenção de fazer-te mal, moça.

Mas está a fazê-lo, estava ela prestes a dizer, apercebendo-se então, ruborizada, de que aquela coisa dura que tinha espetada na anca não era uma arma de fogo, mas uma *magnum* de uma espécie inteiramente diferente.

Ele devia ter-lhe visto algo nos olhos, pois ergueu o corpo ligeiramente.

O que queria dizer, concluiu ela com uma enorme onda de alívio, que ele não ia violá-la. Um violador ter-se-ia desviado uns centímetros para a direita, não erguido os quadris.

— Receio ter de reter-te aqui por um tempo, moça. Mas nã sofrerás qualquer dano às minhas mãos. Apenas nã te esqueças, um grito, um ruído, e serás amordaçada.

Não havia piedade no seu olhar. Ela percebeu que ele falava a sério. Podia ficar simplesmente atada, ou atada e amordaçada.

Abanou a cabeça, depois fez um aceno de assentimento, sem saber se havia de dizer sim ou não. — Eu não grito — prometeu firmemente. *Seja como for ninguém te poderá ouvir aqui em cima*. Deus, aquilo era provavelmente verdade. Ao nível da cobertura as paredes eram espessas, não havia ninguém em cima, e a elite era deixada à vontade a não ser que solicitasse alguma coisa. Provavelmente podia berrar até ficar *rouca*, que ninguém acorreria.

— Moça bonita — disse ele, erguendo-lhe a cabeça com a palma da mão e fazendo deslizar uma almofada fofa por baixo dela.

Depois, num gesto rápido e gracioso, afastou-se da cama e saiu de mansinho do quarto, fechando a porta atrás de si, deixando-a sozinha, atada por lenços de seda ao leito pecaminoso do Fantasma Gaulês.

Ela era do tipo com que um homem ficava.

Dageus praguejou suavemente em cinco línguas, recordando o pensamento que tivera antes, espalmando a mão com força sobre as calças. Não ajudou. De facto, piorou. Feliz por uma atenção que fosse.

Carrancudo, foi postar-se diante da parede envidraçada, olhando sem ver a cidade lá fora.

Ele não lidara bem com a situação. Assustara-a. Mas não fora capaz de lhe oferecer palavras apaziguadoras, pois tivera de se afastar dela,

rapidamente, antes que desse ao corpo aquilo por que ele uivava. Embora dissesse a si próprio que pressionara os lábios nos dela apenas para a distrair enquanto a atava, beijara-a porque necessitara fazê-lo, porque simplesmente não tinha sido capaz de *não* o fazer. Fora um breve e doce saborear sem língua, pois houvesse ele cruzado essa barreira, estaria perdido. Estar deitado em cima dela fora uma autêntica agonia, sentir a escuridão agitar-se e vergar dentro dele, sabendo que cobrindo-a a faria retroceder. Sentindo-se com frio e fome, tentando desesperadamente ser humano e gentil.

Fora para o Cloisters, satisfeito com a firmeza com que tirara da cabeça os pensamentos a respeito da moça escocesa. Uma vez ali, descobriria que a encomenda estava a caminho de sua casa enquanto ele estava a caminho para ir buscá-la. O co-curador assegurara-lhe, cheio de medidas, que Chloe Zanders estaria à sua espera, visto que um tal Bill já regressara depois de a deixar na morada dele.

Mas a moça não estava lá em baixo e a segurança dissera-lhe, cheia de sorrisos e piscares de olhos, que a sua “encomenda” o esperava lá em cima.

Não encontrando a moça do museu na antecâmara, olhara de relance para a sala de estar, até que ouvira barulho lá em cima.

Subira rapidamente a escada a passos largos e entrara no quarto, para simplesmente dar com o mais encantador par de pernas que jamais vira a espreitar por debaixo da sua cama. Umas coxas suculentas que desejou morder, tornozelos finos, uns lindos pezinhos dentro de uns delicados sapatos de salto alto.

Belas pernas de mulher. Cama.

Essas duas coisas muito próximas uma da outra tinham tendência para lhe desviar o sangue todo do cérebro.

As pernas tinham-lhe parecido alarmantemente familiares e ele assegurara a si próprio que estava a imaginar coisas.

Então puxara-a por um tornozelo e confirmara a identidade da moça dona daquelas pernas celestiais, e o sangue que lhe fervilhava a fogo lento irrompera em ebulição.

Olhando para o seu corpo bem torneado enquanto ela jazia deitada imóvel de barriga para baixo, uma legião de fantasias a todo o galope dentro dele, levava alguns momentos a tomar consciência do que a rodeava por todo o lado.

Os livros tomados “emprestados”.

A última coisa de que necessitava era das autoridades do século vinte e um atrás dele. Tinha muito que fazer, e muito pouco tempo para fazê-lo. Não se podia dar ao luxo de complicações.

Não estava pronto para deixar Manhattan ainda. Faltavam-lhe consultar mais dois textos.

Por Amergin — já quase havia acabado! Mais uns dias no máximo. Não tinha necessidade disto! Porquê agora?

Inspirou profundamente, expirou lentamente. Repetiu-o várias vezes.

Não tinha tido escolha, assegurou a si próprio. Fora sensato da parte dele imobilizá-la imediatamente. Durante os próximos dias, até que acabasse, teria simplesmente de mantê-la cativa.

Embora pudesse recorrer à magia, a um feitiço de memória para a fazer esquecer o que vira, não estava disposto a arriscá-lo. Não só os feitiços de memória eram coisas traiçoeiras e frequentemente nocivas, apagando ainda mais memória do que o desejado, apenas recorria à magia se não houvesse modo humano de lidar com a situação. Bem sabia o que ela lhe custava de cada vez. Minúsculos feitiços para obter os textos de que necessitava eram uma coisa.

Nã. Nada de magia. A moça teria de aguentar um tempinho de confortável cativo enquanto ele acabava de traduzir os tomos finais, depois ir-se-ia embora, e deixá-la-ia algures pelo caminho.

Pelo caminho para onde?, clamou a sua consciência. *Aceitas finalmente que vais ter de regressar?*

Suspirou. Os últimos meses tinham confirmado o que ele suspeitava; havia apenas dois lugares onde podia encontrar a informação de que necessitava: nos museus da Irlanda e da Escócia, ou na biblioteca MacKeltar.

E a biblioteca MacKeltar era de longe a melhor aposta.

Tinha-a evitado a todo o custo, pois estava repleta de uma miríade de perigos variados. Não só a terra dos seus antepassados tornava a escuridão dentro dele mais forte, como temia enfrentar o seu irmão gémeo. Admitir que tinha mentido. Admitir o que era.

Discutir amargamente com o pai, Silvan, ver a raiva e o desapontamento nos seus olhos, já fora suficientemente mau, e Dageus não estava certo de alguma vez estar pronto para enfrentar o seu irmão gémeo — o irmão que jamais quebrara um juramento na vida.

Desde a véspera em que quebrara o seu juramento e se tornara negro, Dageus nem uma vez só usara as cores do seu clã, embora tivesse um farrapo de um *plaid* Keltar já no fio enfiado debaixo da almofada. Havia noites em que, depois de meter fosse que mulher fosse num táxi (embora cobrisse muitas, não partilhava a cama com nenhuma), apertava a mão à sua volta, fechava os olhos e fazia de conta de que estava outra vez nas *Highlands*. Um simples homem, nada mais.

Tudo o que queria era descobrir uma maneira de solucionar o problema, de livrar-se dos seres que o ensombravam. *Então* recuperaria a sua honra. Então poderia enfrentar orgulhosamente o irmão e reclamar a sua herança.

Se esperares muito mais, preveniu a voz que não o largava, podes já não te dar ao trabalho de a reclamar. Podes já não entender sequer o que ela significa.

Forçou-se a desviar os pensamentos de eventualidade tão desagradável, e eles vogaram com uma intensidade alarmante directamente de volta para a moça atada à sua cama. Vulnerável e desamparadamente atada à sua cama.

Perigoso pensamento, esse. Parecia já não ter senão pensamentos perigosos.

Passando uma mão pelo cabelo, forçou-se a concentrar-se no texto que ela deixara em cima da mesa do café, recusando deter-se no facto desconcertante de que uma parte sua dera uma olhadela à moça tão próxima da sua cama e dissera simplesmente: *Minha*.

Como se, desde o momento que a vira, o facto de que a reclamaria como sua fosse tão certo como o dia nascer amanhã.

Várias horas depois, as voláteis emoções de Chloe tinham sofrido todo o tipo de oscilações. Esgotara praticamente o medo, mergulhara com efusivo júbilo, por algum tempo, num acesso de ultraje para com o seu captor, e sentia-se agora completamente desgostosa consigo própria devido à sua curiosidade impetuosa.

Curiosa como um gatinho, é o que tu és, mas um gato tem nove vidas, Chloe, costumava dizer o avô. E tu só tens uma. Vê lá onde é que isso te leva.

Bem pode dizê-lo de novo, pensou, escutando com atenção para ver se conseguia ouvir o ladrão lá fora. O apartamento dele tinha uma daquelas instalações de som que estava ligada a todas as divisões, e, após a explosão inicial dolorosamente estridente da canção opressiva que soava suspeitosamente àquela dos Nine Inch Nails que fora proibida de passar na rádio uns anos atrás, ele pusera música clássica. Fora agraciada com uma miscelânea de concertos para violino durante as últimas horas. Se a intenção era tranquilizá-la, não estava a surtir efeito.

Não ajudava o facto de ter comichão no nariz e a única maneira de o coçar ser enterrar a cara nas almofadas dele e abanar a cabeça.

Interrogou-se quanto tempo teria de passar até que Bill e Tom comesçassem a pensar onde é que ela se tinha metido. Certamente viriam à sua procura, não viriam?

Não.

Embora dissessem ambos, “mas a Chloe nunca se desvia da rotina”, nenhum deles poria em causa ou acusaria Dageus MacKeltar. Afinal de

contas, quem no seu juízo perfeito acreditaria não ser o homem senão um abastado colecionador de arte? Se lhe perguntassem, o seu captor diria simplesmente: — Não, ela deixou a encomenda e saiu, e não faço ideia para onde ela foi. — Tom acreditaria, e ninguém insistiria, pois homens como Dageus MacKeltar não eram de molde a ser interrogados ou pressionados. Ninguém jamais imaginaria que ele fosse um sequestrador e um ladrão. *Ela* era a única a saber a verdade, e tudo porque se deixara arrebatada como uma pateta pelos seus artefactos e fora bisbilhotar o quarto dele.

Não, embora Tom pudesse mandar lá Bill nessa tarde, ou mais provavelmente amanhã, a perguntar a que horas é que Chloe tinha saído, as coisas ficariam por ali. Dentro de um ou dois dias, imaginava que Tom começasse a ficar verdadeiramente preocupado, que lhe telefonasse para casa, passasse por lá, talvez até reportasse o seu desaparecimento à Polícia, mas havia sempre magotes de desaparecimentos sem explicação em Nova Iorque.

Um grande buraco, mesmo.

Com um suspiro, soprou uma madeixa de cabelo do rosto e esfregou outra vez o nariz na almofada. Ele cheirava bem, o reles patife. Mulherengo, assediador, amoral, gatuno, o mais vil do vil, depravador de textos inocentes.

— Ladrão — murmurou com uma ligeira carranca.

Inalou, depois recuperou a compostura. Não ia apreciar o seu odor. *Não* ia apreciar coisíssima nenhuma nele.

Suspirando, chegou-se para cima na cama, retorcendo-se, até ficar recostada, numa posição quase direita, contra a cabeceira.

Estava atada à cama de um estranho. Um criminoso, ainda por cima.

— Chloe Zanders, estás com todo o tipo de problemas — murmurou, testando os nós de seda pela centésima vez. Tentou e nada. O homem sabia como dar nós.

Porque não lhe teria ele feito mal?, interrogou-se. E, dado que não tinha, o que estaria ele a planear fazer com ela? Os factos eram muito simples e bastante atemorizadores; ela arranjava forma de entrar no covil de um ladrão de primeira, pleno de perícia e astúcia. Não de um qualquer ladrão ou assaltante de bancos, mas de um mestre ladrão que arrombava lugares impossíveis e roubava tesouros fabulosos.

Não se tratava de furtozinhos rápidos.

Do seu silêncio não dependiam milhares, mas sim *milhões*.

Estremeceu. Aquele pensamento desolador podia simplesmente deixá-la histérica, ou, no mínimo, com um potencial ataque de soluços fatal.

Desesperada por uma distração, retorceu-se o mais que lhe permitiam os nós até à beira da cama e espreitou para baixo, para os textos roubados.

Soltou um profundo suspiro, ansiosa por lhes tocar. Embora não se tratasse de originais — quaisquer originais dignos de se ter estavam guardados em segurança na Academia Real Irlandesa ou na Biblioteca do Trinity College —, eram soberbas cópias de fins da época medieval. Um deles tinha tombado aberto, revelando uma encantadora página coberta de caracteres unciais irlandeses, as letras maiúsculas gloriosamente ornamentadas com o elaborado entretecido de nós pelo qual os Celtas eram famosos.

Havia uma cópia do *Lebor Laignech* (o *Livro de Leinster*), *Lebor na hUidre* (o *Livro da Vaca Parda*), *Lebor Gabála Éirenn*¹⁹ (o *Livro das Invasões*), e vários textos menos importantes do Ciclo Mitológico.

Fascinante. Todos eles sobre os primórdios de Éire, ou Irlanda. Plenos de contos sobre os Partolonianos, os Nemedianos, os *Fir Bolg*, os *Tuatha Dé Danaan*, e os Milesianos.²⁰ Ricos em lendas e magia, e interminavelmente disputados pelos estudiosos.

Para que os queria ele? Estaria ele a vendê-los para financiar a sua vida fabulosa? Chloe sabia que havia colecionadores particulares que se estavam nas tintas para saber a origem dos documentos, desde que os pudessem possuir. Havia sempre um mercado para artefactos roubados.

Mas, pensou ela, perplexa, ele só tinha artefactos celtas. E era do conhecimento geral que a maioria das colecções que ele assaltara em busca daqueles textos se vangloriavam de possuir peças bem mais valiosas de muitas culturas diferentes. Peças que ele não roubara.

O que significava, fosse qual fosse a razão, que ele era altamente selectivo e não unicamente motivado pelo valor do artefacto.

Abanou a cabeça, estonteada. Não fazia qualquer sentido. Que tipo de ladrão não era motivado pelo valor do artefacto? Que tipo de ladrão roubava um texto de valor menor e deixava intocadas dúzias de peças mais valiosas depois de se dar ao trabalho de furar a segurança? E *como* conseguia ele furar a segurança? As colecções que ele assaltara tinham alguns dos mais sofisticados sistemas anti-roubo do mundo, exigindo um verdadeiro génio para lá entrar.

A porta abriu-se de súbito, e ela afastou-se rapidamente da beira da cama, fazendo a expressão mais inocente.

— Tens fome, moça? — disse ele com o seu sotaque pronunciado, espreitando-a através da porta entreaberta.

¹⁹ *The Book of the Taking of Ireland* ou *O Livro da Tomada da Irlanda*, em geral conhecido como *O Livro das Invasões* ou *O Livro das Conquistas*, é uma miscelânea de poemas e prosa do século XII narrando as origens míticas e a história da raça irlandesa desde a criação do mundo até à Idade Média. (N. da T.)

²⁰ Vários povos que invadiram e habitaram a Irlanda, dando origem à raça irlandesa. (N. da T.)

— O-o quê? — Chloe pestanejou. Não só não ia o vilão matá-la, como ia dar-lhe de comer?

— Tens fome? Estava a preparar comida para mim e ocorreu-me que, quiçá, terias fome.

Chloe ficou sem saber o que responder por um momento. Estava com fome? Estava completamente alucinada. Ia ter de usar a casa de banho daí a pouco. Tinha uma comichão danada no nariz e a saia estava a ficar toda enrodilhada para cima outra vez.

E, no meio daquilo tudo, sim, tinha fome.

— Hm-hm — disse, desconfiada.

Só depois de ele sair é que lhe ocorreu que talvez fosse assim que ele ia ver-se livre dela — envenenando-a!

Salmão escalfado, batatas e cebolas estufadas e sopa de eglefim²¹ fumado. Uma salada polvilhada de frutos secos e mirtilos. Um prato de queijos escoceses, biscoitos de manteiga e geleia. Vinho espumante em copos de *Baccarat*.

Morrer à conta de opípara cozinha escocesa e cristal fino? — Pensei que me fosse dar uma sanduíche de manteiga de amendoim ou qualquer coisa assim — disse Chloe, desconfiada.

Dageus pousou o último prato em cima da cama e olhou para ela. Todo o seu corpo se retesou. Cristo, ela era uma fantasia tornada realidade na sua cama, recostada contra a cabeceira, os pulsos atados às colunas. Toda ela era curvas suaves, a saia a subir pelas doces coxas acima, provocando-o com vislumbres proibidos, uma camisola justa envolvendo os seios redondos e fartos, o cabelo desgrenhado em torno do rosto, os olhos arregalados e tempestuosos. Não tinha dúvidas de que ela era uma donzela. A sua resposta ao beijo fugaz que lhe dera assim lho dissera. Ele jamais tivera uma moça como ela na cama. Nem sequer no seu próprio século, onde as moças respeitáveis se mantinham ao largo dos irmãos Keltar. Rumores sobre “aqueles feiticeiros pagãos” eram abundantes nas *Highlands*. Embora mulheres experientes, mulheres casadas, e criadas houvessem avidamente procurado as suas camas, mesmo essas tinham-se absterido de laços mais permanentes.

Atraídas para o perigo mas nem pensar em viver com ele, dissera Drustan certa vez com um sorriso amargo. *Gostam de afagar a pele sedosa da fera, sentir o seu poder e ferocidade, mas não façam confusão, meu irmão — elas jamais, jamais confiarão crianças à fera.*

Bem, já era demasiado tarde. Ela estava com a fera, gostasse disso ou não.

²¹ Peixe teleóstéo, semelhante ao bacalhau. (N. da T.)

Se ao menos houvesse ficado na rua, estaria em segurança longe dele. Ele tê-la-ia deixado em paz.

Teria feito a coisa mais honrosa apagando-a da sua mente. E, se por acaso a houvesse encontrado outra vez, teria olhado friamente para o outro lado e atravessado a estrada.

Mas agora era demasiado tarde para honras. Ela não tinha ficado na rua como uma moça bem comportada. Estava aqui na sua cama dele. E ele era um homem, e, já agora, não um homem de honra.

E quando a deixares?, sibilavam os seus resquícios de honra.

Deixá-la-ei tão saciada de prazer que ela nã lamentará. Outro qualquer tolo emproado magoá-la-ia. Eu despertá-la-ei de formas que ela jamais olvidará. Dar-lhe-ei fantasias que lhe incendiarão os sonhos para o resto da vida.

E era o fim da discussão, no que lhe dizia respeito. Ele tinha necessidade. A escuridão nele crescia ferozmente sem uma mulher. Já não tinha possibilidade de receber Katie, ou qualquer outra mulher, em sua casa. Mas sedução, não conquista, era o prato principal na mesa essa noite. Dar-lhe-ia esta noite, quiçá o dia seguinte, mas não tardaria que se tratasse de uma conquista.

— Então, hum, vai desatar-me?

Com um esforço, ele desviou o olhar da sua saia enrodilhada. Fosse como fosse, ela tinha fechado bem os joelhos. Moça *avisada*, pensou sombriamente, *mas de nada te servirá no fim.*

— Não pode simplesmente manter-me presa — disse ela num tom gélido.

— Posso, sim.

— Irão à minha procura.

— Mas nã aqui. Ninguém me pressionará, sabes isso.

Quando ele deslizou para cima da cama de frente para ela, ela colou-se à cabeceira.

— Nã sofrerás qualquer dano às minhas mãos, moça. Dou-te a minha palavra.

Ela abriu a boca, depois fechou-a como se tivesse pensado melhor. Então pareceu mudar de ideias, encolheu os ombros, e disse: — Como posso eu acreditar nisso? Estou sentada no meio destas coisas todas roubadas e atada por si. Não posso deixar de me preocupar com o que me irá fazer. Então, quais são os seus planos? — Como ele não lhe respondesse de imediato, acrescentou acaloradamente: — Se me vai matar, aviso-o desde já: assombrá-lo-ei até ao fim dos seus dias de ladrão. Farei da sua vida um autêntico inferno. Farei as suas lendárias *banshee*²² parecerem recatadas

²² Fadas ou espíritos femininos de maldição e morte da mitologia celta. (N. da T.)

e de falas mansas em comparação. Seu... seu... seu bárbaro visigodo — cuspiu.

— Oh, aí está o teu sangue escocês, moça — disse ele com um ligeiro sorriso. — E que têmpera também. Embora visigodo seja um pouco artificioso, dificilmente estou a fazer coisa tão épica como o saque de Roma.

Ela fez uma carranca. — Muitos livros se perderam também nesse tempo.

— Eu trato-os com cuidado. E não necessitas apoquentar-te, moça. Não te farei mal. Nada te será feito que tu não desejes. Posso tomar emprestados uns quantos tomos, mas os meus crimes não vão além disso. Partirei não tarda. Quando o fizer, libertar-te-ei.

Chloe perscrutou-lhe atentamente o rosto, pensando que não lhe agradava lá muito aquela parte do “nada te será feito que tu não desejes”. O que queria ele dizer com aquilo ao certo? No entanto, ele olhava bem a direito. Não conseguia imaginar porque se daria ele ao trabalho de mentir. — Quase posso acreditar que fala a sério — disse por fim.

— Falo, moça.

— Hmf — disse ela, sem se desmanchar. Uma pausa, e depois: — Então, porque o faz? — inquiriu, acenando com a cabeça na direcção dos textos roubados.

— Isso interessa?

— Bem, não devia, mas de certa forma interessa. Está a ver, eu conheço as colecções de onde os roubou. Havia lá relíquias de longe mais valiosas.

— Procuro uma determinada informação. Apenas os tomei emprestados. Serão devolvidos quando me for embora.

— E a lua é feita de queijo — disse ela secamente.

— Serão, embora não creias em mim.

— E as outras coisas todas que roubou?

— Que outras coisas?

— Todo aquele arsenal celta. As facas e espadas e distintivos e moedas e...

— Tudo isso é meu por direito de nascença.

Ela lançou-lhe um olhar céptico.

— É mesmo.

Chloe riu-se com desdém.

— São insígnias Keltar. Eu sou um Keltar.

O olhar dela tornou-se avaliador. — Está a dizer que as únicas coisas que roubou mesmo são os textos?

— Que tomei emprestados. Oh, sim.

— Não sei o que faça consigo — disse ela, abanando a cabeça.

— O que é que as tuas vísceras — nã, nã era bem essa a palavra — o teu instinto te diz?

Ela olhou-o com uma expressão séria, tão séria que se tornou íntima. Ele interrogou-se se alguma moça já teria olhado alguma vez para ele de forma tão penetrante. Como que tentando sondar as profundezas da sua alma, até ao seu âmago mais negro. Como o julgaria ela, esta inocente? Condená-lo-ia ela como ele se condenara a si próprio?

Uns momentos depois, ela encolheu os ombros e o momento foi-se.

— De que tipo de informação anda à procura?

— É uma longa história, moça — furtou-se ele, com um sorriso trocista.

— Se me deixar ir embora, eu não conto mesmo a ninguém. Prefiro de longe estar viva do que deitar-me a perder por compunções morais. De caras.

— De caras — repetiu ele lentamente. — Sem dúvidas?

Chloe pestanejou. — Sim. — Perscrutou-lhe o rosto. Entre alguns termos que ele usava e as pausas ocasionais que fazia, como que a matutar numa palavra ou frase, ocorreu-lhe que o inglês talvez não fosse a sua língua nativa. Ele compreendera o francês. Curiosa, pondo-o à prova, perguntou-lhe — em latim — se o gaélico era a sua primeira língua.

Ele respondeu em grego que sim.

Xi, o ladrão não só era deslumbrante como era multilingue! Começava a sentir-se traiçoeiramente como a Rene Russo outra vez. — Você está a mesmo a *ler* estas coisas, não está? — disse num tom maravilhado. — Porquê?

— Já te disse, moça, estou à procura de uma coisa.

— Bem, se me disser de quê, talvez eu possa ajudar. — No minuto em que as palavras lhe escaparam da boca, ficou varada. — Não queria dizer isso — retirou apressadamente a oferta. — *Não* me estou a oferecer para ajudar e ser cúmplice de um criminoso.

— Curiosa, moça, nã és? Suspeito que isso te leve a melhor muitas vezes. — Fez um gesto na direcção da comida. — ‘Tá a arrefecer. O que gostarias de comer?

— Qualquer coisa ingerida por si primeiro — disse ela instantaneamente.

Uma expressão de incredulidade atravessou-lhe o rosto. — Achas que eu te ia envenenar? — disse, indignado.

Quando *ele* o disse, soou como uma ideia obviamente ridícula e perfeitamente paranóica. — Bem — disse, na defensiva —, como é que eu posso ter a certeza?

Ele lançou-lhe um olhar reprovador. Depois, sustendo-lhe o olhar, comeu um bocado de cada prato.

— Pode só matar em doses grandes — contrapôs ela.

Erguendo um sobrolho, ele comeu mais duas garfadas de cada prato.

— Tenho as mãos atadas. Não posso comer.

Ele sorriu então, um sorriso lento, provocante, de arrepiar. — Oh, podes, sim, moça — ronronou, cortando uma fatia tenra de salmão e levando-lha aos lábios.

— Deve estar a brincar comigo — disse ela enfaticamente, comprimindo os lábios um contra o outro. Oh, não, ele não ia fazer-lhe mal, ia apenas torturá-la, provocá-la, fingir que estava a ser sedutor, e ver Chloe Zanders transformar-se numa idiota tartamudeante enquanto era alimentada à mão pelo homem mais incrivelmente deslumbrante deste lado do Atlântico. Nem pensar. Não ia cair nessa.

— Abre — incitou ele.

— Não tenho fome — disse ela, teimosa.

— Tens, sim.

— Não tenho.

— Terás amanhã — disse ele, um ténue sorriso a brincar-lhe nos lábios sensuais.

Chloe semicerrou os olhos para ele. — Porque está a fazer isto?

— Houve uma época, há muito na Escócia, em que um homem escolhia da melhor comida que tinha e alimentava a sua dama. — O seu olhar dourado cintilante susteve o dela. — Só depois de lhe haver mitigado os desejos — plenamente até mais não — é que mitigava os seus.

Uuh. Aquele comentário foi-lhe direito ao ventre, enchendo-o de arrepios. Foi-lhe direito a outras quantas partes, também, partes em que era mais sensato não pensar. Ele não só era um mulherengo, era melífluo como seda. Rigidamente, ela disse entre dentes: — Não estamos na Escócia de há muito, eu *não* sou a sua dama, e *aposto* que ela não estava atada.

Aquilo fê-lo sorrir e ela reparou então no que a incomodava no sorriso dele: embora tivesse sorrido várias vezes, o divertimento nunca lhe parecia chegar aos olhos. Como se o homem jamais baixasse mesmo a guarda. Jamais se descontraísse plenamente. Mantivesse uma parte dele próprio trancada à distância. Ladrão, sequestrador e sedutor de mulheres: que outros segredos esconderia ele por trás daqueles olhos frios?

— Porque me fazes frente? Achas que te posso matar com o meu garfo? — disse ele num tom ligeiro.

— Eu...

Uma garfada de salmão na sua boca. Ladrão astuto. E estava bom. Cozinhado na perfeição. Engoliu apressadamente. — Isso não foi justo.

— Mas estava bom?

Ela olhou-o fixamente num silêncio resoluto.

— A vida nem sempre é justa, moça, mas isso não significa que não possa ser doce.

Desconcertada com o seu olhar intenso, Chloe decidiu, que seria mais sensato simplesmente capitular. Só Deus saberia o que poderia ele fazer se ela não capitulasse, e, além disso, tinha fome. Desconfiava de que podia discutir com ele até à exaustão e não chegar a lado nenhum. O homem ia dar-lhe de comer à boca e pronto.

E, francamente, com ele ali sentado na cama, pecaminosamente deslumbrante e brincalhão e pretensamente namorado... era ligeiramente difícil resistir, ainda que soubesse que não passava de um jogo para ele. Quando tivesse setenta anos (partindo do princípio de que sobreviveria ile-sa), sentada na sua cadeira de baloiço rodeada de bisnetos, poderia reflectir na recordação da estranha noite em que o irresistível Fantasma Gaulês lhe dera de comer à boca pedaços de pratos escoceses e pequenos goles de vinho fino no seu apartamento de cobertura em Manhattan.

O laivo de perigo no ar, a incrível sensualidade do homem, o grotesco da situação, tudo se combinava para a fazer sentir-se um pouco temerária.

Não sabia ter isso dentro dela.

Sentia-se... bem... bastante intrépida.

Horas depois, Chloe jazia deitada no escuro, olhando o fogo crepitar e chispar, a mente revendo os acontecimentos do dia, sem chegar a quaisquer conclusões satisfatórias.

Fora, de longe, o dia mais estranho da sua vida.

Se alguém lhe tivesse dito nessa manhã, ao enfiar-se nos *collants* e no fato saia-casaco, como se desenrolaria essa vulgar, gélida e chuvosa quarta-feira de Março, ela ter-se-ia rido de tal disparate.

Se alguém lhe tivesse dito que acabaria o dia atada a uma sumptuosa cama num luxuoso apartamento de topo à mercê do Fantasma Gaulês, a ver um fogo esmorecer em brasas, bem alimentada e sonolenta, ela teria levado essa pessoa ao hospital psiquiátrico mais próximo.

Estava assustada — oh, a quem tentava ela enganar? Embora embaraçada por admiti-lo, estava tão fascinada como assustada.

A sua vida dera decididamente uma reviravolta e isso não a preocupava tanto como seria de prever. Era um pouco difícil desempenhar o papel de quem temia pela vida, quando o seu captor era um homem de tal forma intrigante e sedutor. Um homem que cozinhava uma refeição completa es-

cocesa para a sua prisioneira, lhe acendia a lareira e punha a tocar música clássica. Um homem inteligente e instruído.

Um homem pecaminosamente provocante.

Quando não só não fora maltratada, como fora tantalizadamente beijada.

E, embora não fizesse ideia do que o amanhã traria, estava desejosa de descobrir. De que estaria ele à procura? Seria possível que ele não fosse algo mais do que lhe comunicara? Um homem abastado que necessitava de determinada informação por qualquer motivo, que — já que não conseguia obter os textos de que precisava por meios legítimos — os roubava, com a intenção de os devolver?

— Pois. A fazer-me de estúpida. — Chloe rolou os olhos.

Ainda assim, a contrabalançar as coisas, a incapacitá-la de simplesmente o rotular de ladrão, estava o facto de ele ter doado valiosos artefactos autenticados a troco do terceiro *Livro de Manannán*.

Porque faria o Fantasma Gaulês tal coisa? Os factos simplesmente não batiam certo com o perfil de um mercenário de sangue frio. Ela estava a arder de curiosidade. Há muito suspeitava que pudesse ser esse o seu motivo de perdição e, com efeito, já a pusera em apuros.

Depois do jantar, ele desatara-a e levara-a à casa de banho anexa à suite principal (demasiado chegado a ela para seu conforto, deixando-a dolorosamente consciente dos noventa quilos de sólido músculo masculino atrás dela). Uns minutos e um bater à porta depois, informara-a de que lhe deixara uma camisa e umas calças de treino (ele chamou-lhes galdras²³) à porta.

Ela passara trinta minutos trancada na casa de banho, primeiro à caça de uma conveniente conduta de aquecimento onde coubesse uma pessoa — do tipo que se via frequentemente nos filmes mas que nunca se encontrava na vida real —, depois deliberando se uma mensagem SOS escrita a batom na janela serviria de alguma coisa. Além de ser ele a dar com ela e ficar numa situação ainda pior. Optara por não o fazer. Pelo menos por enquanto. Não havia necessidade de lhe chamar a atenção para a sua intenção de escapar à primeira oportunidade.

Não se sentira suficientemente corajosa para se arriscar a pôr-se nua e tomar um duche, mesmo com a porta trancada, de maneira que se lavara mais ou menos, depois escovara os dentes com a escova dele pois nem pensar em *não* lavar os dentes. Sentira-se estranha ao usá-la. Jamais usara a escova de dentes de homem algum. Mas, ao fim e ao cabo, racionalizara,

²³ “*Trews*”, no original. Calças justas ou calções usados pelos antigos Escoceses das Terras Altas; variante antiga de “*trouse*” ou “*trousers*”. Não havendo termo equivalente em Português, optou-se por um sinónimo pouco conhecido de calças. (N. da T.)

tinham comido do mesmo garfo. E quase tivera a língua dele na sua boca. Para ser sincera, teria *preferido* muito mais a língua dele na sua boca, desde que tivesse a firme garantia de que ficaria por ali. (Não estava a fim de se tornar no próximo par de cuecas debaixo da cama dele, não que as tivesse para lá deixar.)

Ficava a nadar nas roupas dele, mas, pelo menos, quando ele voltara a atá-la à cama, não tivera que se preocupar com a saia enrodilhada pelas pernas acima. As calças tinham um cordão de atar à cintura — ao menos uma coisa boa — e estavam enroladas para cima umas dez vezes; a camisa chegava-lhe aos joelhos. Estar sem cuecas era um pouco embaraçoso.

Ele tinha-a enfiado debaixo da coberta. Testado os nós. Alargando-os um bocado para que ela pudesse dormir mais confortável.

Depois deixara-se ficar de pé ao lado da cama por um momento, olhando-a com uma expressão insondável nos seus exóticos olhos dourados. Enervada, ela desviara o olhar e rebolara — na medida do possível — de lado, de costas para ele.

Xi, pensou, com os olhos sonolentos a fecharem-se. Cheirava a ele. O odor cobria-a dos pés à cabeça.

Estava prestes a adormecer. Não podia crer. No meio de circunstâncias tão stressantes e medonhas, estava prestes a adormecer.

Bem, disse de si para si, precisava de dormir de forma a estar bem esperta amanhã. Amanhã fugiria dali.

Ele não tentara beijá-la outra vez, foi este o seu derradeiro, ligeiramente pesaroso e completamente ridículo pensamento antes de se deixar dormir.

Várias horas depois, demasiado agitado para dormir, Dageus estava na sala de estar, a ouvir a chuva bater contra as janelas e lendo atentamente o *Códex de Midhe*, uma colecção de mitos na sua maioria sem sentido e vagas profecias (“um enorme emaranhado de miscelânea medieval”, como lhe chamara um renomado erudito, e Dageus estava inclinado a acreditar), quando tocou o telefone. Olhou-o de relance, desconfiado, mas não se levantou para atender.

Uma longa pausa, um bip, e depois, — Dageus, é o Drustan.

Silêncio.

— Sabes como eu detesto falar para máquinas. Dageus.

Longo silêncio, um pesado suspiro.

Dageus cerrou os punhos, descerrou-os, depois massajou as têmporas com as bases das palmas das mãos.

— A Gwen está no hospital...

A cabeça de Dageus virou-se repentinamente na direcção do atendedor automático, fez menção de se levantar, mas deteve-se.

— Teve contracções prematuras.

Preocupação na voz do seu irmão gémeo. Apunhalando o coração de Dageus. Gwen estava grávida de seis meses e meio, de gémeos. Susteve a respiração, à escuta. Não tinha sacrificado tanta coisa para reunir o irmão e a mulher no século vinte e um, para alguma coisa acontecer agora a Gwen.

— Mas já está boa.

Dageus respirou de novo e afundou-se novamente no sofá.

— Os médicos disseram que por vezes acontece no último trimestre, e, desde que ela não tenha mais contracções, estão a pensar dar-lhe alta amanhã.

Um tempo preenchido com nada mais além do ténue ruído da respiração do irmão.

— Oh... meu irmão... vem para casa. — Uma pausa. Suavemente:
— Por favor.

Clique.

Dageus estava perigosamente perto de perder o controle.

— Isso significa “ponte”, não “passagem anexa”, dizia ela, espreitando por cima do ombro dele e apontando para o que ele acabara de rabiscar nas notas que estava a tirar. Parte do cabelo dela tombou sobre o ombro dele e derramou-se-lhe sobre o peito. Ele mal se conteve para não lhe deslizar a mão por ele e puxar-lhe os lábios contra os seus.

Nunca a devia ter desamarrado nessa manhã. Mas ela não tinha forma de lhe escapar, e parecia-lhe quase bárbaro mantê-la atada à cama. Além disso, o mero pensamento dela atada à cama estava a obcecar uma parte sombria da sua mente. No entanto, não era melhor tê-la a esvoaçar por ali, a observar tudo, a importuná-lo com perguntas e comentários incessantes.

De cada vez que olhava para ela, um rosnido silencioso elevava-se-lhe na garganta, uma fome mal reprimida, uma necessidade de lhe tocar e de saboreá-la e...

— Não te pendures sobre o meu ombro, moça. — O odor dela enchia-lhe as narinas, incitando a um estupor lascivo. Um odor a mulher sensual e inocência. Cristo, não percebia ela que ele era perigoso? Quiçá, não abertamente, mas da forma como um rato olhava furtivamente um gato e se mantinha sabiamente nos recantos sombrios de um quarto? Ao que parecia, não, pois continuava a palrar.

— Estou apenas curiosa — disse ela, enxofrada. — E está a traduzir tudo mal. Isso diz, “Quando o homem das montanhas, lá alto onde paira a águia-real, toma o baixo... há, caminho ou viagem... na ponte que desafia a morte” — curioso, a ponte que desafia a morte? — “os *Draghar* retornarão.” Quem são os *Draghar*? Nunca ouvi falar neles. O que é isso? O *Códex de Midhe*? Também nunca ouvi falar disso. Posso ver? Onde é que o arranjou?

Dageus abanou a cabeça. Não se tinha mão nela. — Senta-te, moça, ou amarro-te outra vez.

Ela lançou-lhe um olhar furioso. — Só estou a tentar ajudar...

— E porquê isso? Eu sou um ladrão, lembras-te? Um bárbaro visigodo, como tu dizes.

Ela franziu o sobrolho. — Tem razão. Não sei o que me deu. — Uma longa pausa. Depois, — Apenas pensei que, se ia realmente devolvê-los — lançou-lhe um olhar céptico meio murcho —, quanto mais depressa os acabasse, mais depressa eles estariam de volta. De modo que bem podia dar ajuda a uma boa causa. — Assentiu com um ar petulante, parecendo por de mais satisfeita com o seu raciocínio.

Ele bufou e fez-lhe sinal para que se sentasse. Era evidente que a moça era obstinada no que tocava a antiguidades e curiosa como o dia era comprido. Os seus dedos dobravam-se mesmo sem que ela desse por isso sempre que olhava para o *Códex*, como se estivesse desesperada para lhe tocar.

Gostava de a ver assim desesperada para lhe tocar a ele. As mulheres mundanas limitavam-se a empurrá-lo para a cama. Ele jamais seduzira uma inocente. Sentia que ela resistiria... O pensamento divertiu-o e excitou-o ao mesmo tempo.

Amuada, ela deixou-se cair no sofá diante dele, cruzou os braços e olhou-o fixamente através das pilhas de textos e blocos de notas sobre a mesa de café de mármore entre os dois. Os lábios sensuais franzidos, um pé a bater no chão.

Um pé pequenino e delicado, com as unhas pintadas de rosa-coral. Uns tornozelos delgados espreitando das calças de treino dele, enroladas para cima. Envolta numa das suas camisas de linho, as mangas dobradas até aos cotovelos, que era igualmente o sítio onde as cavas lhe assentavam na figura delicada, o cabelo desordenado em torno do rosto, era uma visão. O volúvel sol de Março decidira-se a brilhar naquele instante, assim parecia, pensou ele, de forma a poder derramar-se através das janelas a toda a largura da parede atrás dela, e beijar os seus cachos ondulados de cabelo louro-acobreado.

Cachos que ele gostaria de sentir derramados sobre as suas coxas. Enquanto aqueles sensuais lábios cor-de-rosa...

— Toma o pequeno-almoço — rosnou, voltando a atenção de novo para o texto.

Ela semicerrou os olhos. — Já tomei. Vou perder o emprego, sabe.

— O quê?

— O meu emprego. Vou ser despedida se não aparecer para trabalhar. E depois como vou eu viver? Quero dizer, partindo do princípio de que está a falar a sério sobre libertar-me.

Lançou-lhe outro olhar altivo, depois olhou de relance para a porta pela décima segunda vez, e ele percebeu que ela estava a pensar se conse-

guiria lá chegar antes de ele a deter. Não ficou preocupado. Mesmo que conseguisse chegar à porta, nunca lograria apanhar o elevador a tempo. Ele sabia também que, um pouco antes, ela se tinha posto atrás dele, o olhar vanguardando-lhe de um pesado candeeiro para a parte posterior do crânio. Não tentara golpeá-lo com ele, moça avisada. Quiçá, teria visto a sua tensa prontidão, quiçá, decidira que o crânio dele era sólido demais.

Inspirou fundo e expirou lentamente. Se não sáísse rapidamente da sala, ia pular por cima da mesa entre eles, pregá-la ao sofá, e haver-se com ela. E, embora tivesse plena intenção de fazê-lo, tinha de acabar primeiro o *Códex de Midhe*. A disciplina era uma parte crucial do domínio do mal dentro dele. A primeira porção do dia era para trabalhar, o fim do dia para sedução, a madrugada para mais trabalho. Havia muitas luas que vivia assim. Era imperativo que mantivesse as coisas bem compartimentadas, pois muito facilmente poderia tornar-se um homem dado a satisfazer qualquer necessidade momentânea ou capricho que lhe ocorresse. Apenas mantendo rigidamente as suas rotinas, sem qualquer desvio, provava a si mesmo que tinha realmente o domínio das coisas.

Os *Draghar*, cismou. Era a terceira menção a eles que encontrava. O fraseado peculiar parecia abarcar as suas acções. O homem das montanhas... a ponte que desafia a morte. Mas quem ou o que eram os *Draghar*? Seriam, quiçá, alguma facção dos lendários *Tuatha Dé Danaan*? Retornariam eles dos seus míticos lugares ocultos para lhe dar caça, agora que quebrara o seu juramento e violara O Preto?

Quanto mais se afundava em tomos em que nem ele nem Drustan se haviam antes dignado pensar, mais constatava que o seu clã esquecera, abandonara mesmo, muita da sua antiga história. A biblioteca Keltar era vasta, e nos seus trinta e três anos de vida ele mal lera o que ela continha. Havia lá textos de que nenhum Keltar quisera saber durante séculos, quiçá milénios. Era tradição a mais para um homem absorver numa só vida, e na verdade não houvera necessidade disso. Ao longo da eternidade, haviam-se tornado descuidados e contentes da vida, olhando para diante e não para trás. Supunha que era próprio do homem deixar o passado para trás, viver no agora, a menos que de súbito o antigo passado se tornasse crítico.

Não houvessem eles esquecido tanta coisa, jamais ele se teria postado no círculo de pedras, assegurando-se a si próprio que nenhum demónio estaria entre mundos à sua espera caso ele usasse as pedras por uma razão pessoal. Talvez nunca se tivesse meio convencido a si próprio de que os *Tuatha Dé Danaan*, uma vaga raça referida em termos ainda mais vagos, não eram senão um mito, um conto de fadas urdido para evitar que um Keltar usasse mal o seu poder. Não que ele acreditasse estar a abusar dele. Não pensara nas suas acções como estando ao serviço de

razões pessoais. Bem, não inteiramente, pois não era o amor o maior e mais nobre propósito de todos?

Ela estava de novo com a *língua solta*.

Qual a melhor maneira de a fazer dar-lhe alguma paz?

Um sorriso de predador retorceu-lhe os lábios.

Olhou para cima. Levantou os olhos do texto e mirou-a, deixando deliberadamente que tudo o que estava a pensar fazer-lhe — que era tudo — se lhe estampasse no rosto, gravado a fogo no seu olhar.

Ela susteve a respiração.

Com a cabeça inclinada para baixo, ele olhou-a por sob os sobrolhos. Era o tipo de olhar que um guerreiro daria a outro em desafio, ou o tipo de olhar que um homem lançaria a uma moça que tinha em mente pilhar por completo. Lentamente, com uma sensualidade preguiçosa, humedeceu o lábio inferior. Desviou o olhar do dela, para os seus lábios, e voltou a olhá-la.

Os olhos dela arregalaram-se até mais não e engoliu em seco.

Ele mordeu o lábio inferior e soltou-o devagar, depois sorriu. Não era um sorriso destinado a tranquilizar. Era um sorriso que prometia fantasias obscuras. Quisesse-as ela ou não.

— Vou até ao escritório — disse ela sumidamente, pulando com vivacidade do sofá e praticamente correndo porta fora.

Só depois de ela sair é que ele fez aquele ruído. Um longo, longo rosado de antecipação.

O coração de Chloe martelava-lhe furiosamente e ela não via uma maldita coisa à sua frente enquanto fingia espreitar os títulos dos livros nas estantes do escritório.

Céus, aquele olhar! Caramba!

Ali estava ele sentado em frente dela, deslumbrante de cortar a respiração, de preto dos pés à cabeça, o deslumbrante cabelo negro de azeviche puxado para trás do rosto deslumbrante, basicamente ignorando-a, até que levantara os olhos — mas não a cabeça — do texto, e lhe lançara aquele olhar de... puro desejo sexual.

Nenhum homem olhara jamais para Chloe Zanders daquela maneira. Como se ela fosse uma sobremesa suculenta e ele estivesse a acabar uma semana de jejum a pão e água.

E o seu lábio — Deus, quando ele mordera e soltara aquele pecaminoso e carnudo lábio inferior, era de uma moça só querer chupá-lo. Horas a fio.

Acho mesmo que o homem estava a planear seduzir-me, pensou sonhadoramente. Sim, bem sabia que ele era um mulherengo, e sim, na noite passada ele parecera-lhe atiradiço, mas ela não o levava a sério. Ela não era exactamente o tipo de mulher a quem homens como ele se esmifrassem a dar a volta. Chloe era bastante realista quanto à sua aparência; não era alta, pernalta, com estofó de modelo, isso era certo. Até os rapazes da segurança tinham dito que ela não era o tipo dele.

Mas aquele olhar...

— Ele apenas o fez para te pôr a andar, Zanders — resmungou para consigo própria. — E resultou. Sua galinha tonta.

Estava prestes a sair dali de rompante e desmascará-lo; com efeito, já voltara até à porta e estava na iminência de sair, quando ele deixou escapar um som.

Um som que a fez estremecer e fechar a porta em vez disso.

E trancá-la.

Um som de animal faminto.

Encostando-se à porta, Chloe respirou lenta e profundamente.

Estava a perder a cabeça. Uma coisa era ser sequestrada por um criminoso. Talvez fantasiar com beijos. Outra coisa inteiramente diferente era ser seduzida por ele. O maldito homem era um ladrão e sequestrador, e era bom que ela não se esquecesse disso.

Tinha de escapar antes que fosse demasiado tarde. Antes que começasse a fabricar razões, não só para ajudar e ser cúmplice do criminoso, como para o presentear com a sua virgindade numa bandeja de prata.

Quando Chloe saiu sub-repticiamente do escritório meia hora mais tarde, o arrogante homem teve o desprante de a deixar ir o caminho todo até à porta antes de se dignar mexer-se. Então pôs-se lentamente de pé, como se tivesse todo o tempo do mundo, e lançou-lhe um olhar de gentil reprovação e desapontamento.

Como se *ela* estivesse a fazer alguma coisa de mal.

Desafiadoramente, Chloe brandiu a espada curta que surripiara da colecção dele na parede, depois de decidir que era a melhor para o seu tamanho, quarenta e cinco centímetros de aço bem afiado. — Eu disse que não conto a ninguém e não contarei. Mas não posso ficar aqui.

— Poisa a espada, moça.

Chloe rodou o fecho de segurança interior.

No preciso momento em que puxou a porta, ele investiu, e como esta não se abrisse ela ficou espantada, percebendo então que nem sequer estava

trancada. Freneticamente, debateu-se para rodar o fecho para o outro lado, mas a palma da mão dele bateu na porta acima da cabeça dela e ele encurralou-a com o corpo. Instintivamente, ela ergueu a espada, e ele retesou-se quando a ponta da mesma lhe foi encostada ao coração.

Entreolharam-se por um longo momento. Vagamente, ela apercebeu-se de que a respiração dele se tornava tão superficial como a sua.

— Fá-lo, moça — disse ele friamente.

— O quê?

— Mata-me. Sou um ladrão. Estão aqui as provas. Apenas terás de chamar os teus polícias e mostrar-lhes que sou — ou era — o Fantasma Gaulês, que te mantive cativa. Ninguém te culpará por me matares para escapar. Não é mais do que qualquer moça honesta faria.

Ela ficou boquiaberta. Matá-lo? Não gostava de ouvi-lo falar de si próprio no passado. Provocava-lhe um horrível frio no estômago.

— Fá-lo — insistiu ele.

— Não quero *matá-lo*. Apenas me quero ir *embora*.

— Porque te tratei assim tão mal?

— Porque me mantém presa!

— E tem sido um pavor, não tem? — troçou ele ligeiramente.

— Dê um passo para trás — sibilou ela. Quando ele deliberadamente avançou o corpo contra a ponta da espada e ela lhe sentiu a pele dar de si sob a lâmina, arquejou. Os lábios dele retorceram-se num sorriso de enregelar.

E ela soube que, se puxasse a lâmina para trás, viria vermelha do sangue dele. Ao horrível frio no estômago juntou-se uma sensação de náusea.

— Mata-me ou poisa a espada — disse ele com uma intensidade mortal. — São essas as tuas opções. As tuas únicas opções.

Chloe procurou-lhe os olhos, aqueles cintilantes olhos dourados. Pareciam redemoinhar de sombras, mudando de cor, escurecendo de âmbar fundido para cobre queimado, mas isso não era possível. O momento estava tenso de perigo, e ela teve a súbita bizarra sensação de que alguma coisa... *mais*... estava no apartamento com eles. Alguma coisa antiga e muito, muito fria.

Ou era apenas a frieza daqueles olhos? Sacudiu-se, espantando aqueles pensamentos absurdos.

Ele estava a falar a sério. Obrigá-la-ia a matá-lo para se ir embora.

Não podia fazê-lo.

Não era sequer remotamente possível. Ela não queria Dageus MacKeltar morto. Não o queria *já* morto. Mesmo que isso significasse ele andar por aí à solta, um reles ladrão, belo como um anjo caído, infringindo leis e roubando artefactos.

Quando ela deixou a espada descair momentaneamente, a mão dele moveu-se num movimento rápido como um relâmpago. Ela gritou, deixando cair a espada ao mesmo tempo que o brilho prateado de uma lâmina lhe subia em direcção ao rosto.

Afundou-se na porta junto ao seu ouvido.

— Olha para ele, moça — ordenou ele.

— O-o quê?

— O punhal. É um *skean dhu* do século catorze.

Ela virou cuidadosamente a cabeça e perscrutou a lâmina cravada na porta, depois olhou de relance outra vez. Estava emparedada por mais de um metro e noventa de músculo e homem, com as palmas chapadas de cada lado da sua cabeça. Uma faca junto ao ouvido. Ele tivera-a algures com ele o tempo todo. Poderia tê-la usado nela a qualquer momento. Mas não tinha.

— Gostas dos meus artefactos, nã gostas, moça?

Ela assentiu com a cabeça.

— Fica com ele.

Chloe pestanejou.

Ele deixou cair as mãos subitamente e recuou. — Vá, fica com ele.

Olhando para ele desconfiada, Chloe arrancou a lâmina da porta com um ligeiro grunhido. Teve de usar as duas mãos para a libertar. — Oh — arquejou. Com o punho cravejado de esmeraldas e rubis, era uma peça primorosa. A lâmina mais fina que ela alguma vez vira. — Isto deve valer uma fortuna! Está como novo. Não tem a mais ligeira brecha na lâmina! O Tom daria qualquer coisa por isto.

Assim, bem o receava, como ela.

— É meu. Tem a insígnia dos Keltar no punho. Agora é teu. Para quando saíres daqui. Se perderes o emprego.

Deu meia-volta e regressou silenciosamente ao sofá.

Quando se sentou e retomou o trabalho com o texto, Chloe deixou-se ficar num silêncio pasmado, o olhar vagueando-lhe dele para o *skean dhu* e de volta outra vez. Por diversas vezes abriu a boca para falar, depois fechou-a.

As acções dele tinham acabado de demonstrar, mais persuasivamente do que quaisquer palavras que pudesse ter proferido, que falava a sério quando dissera que não lhe faria mal. Que palavras usara ele ontem à noite? *Nada te será feito que tu nã desejes.*

Não achava aquilo assim tão reconfortante como acharia, houvessem os seus desejos sido um pouco mais puros.

Ele pusera-lhe simplesmente um antigo artefacto celta nas mãos e dissera-lhe que era dela.

Os seus dedos dobraram-se possessivamente em torno do punho da adaga. Devia opor-se tenazmente. Ou, pelo menos, protestar delicadamente. E ia fazê-lo, a qualquer momento.

Esperou. A qualquer momento.

Suspirando tristemente, reconheceu que simplesmente algumas coisas não são humanamente possíveis— nem mesmo a Martha Stewart²⁴ conseguia dobrar na perfeição lençóis com cantos elásticos.

Oh, avô, porque é que nunca me disse que os homens escoceses são tão fascinantes? Ele sabe mesmo dar-me a volta.

Quase imaginou ter ouvido a suave risada de Evan MacGregor. Como se ele lhe tivesse respondido de um sítio algures para além das estrelas, *Nã te satisfarias com menos, Chloe. Também tens a tua quota-parte de sangue selvagem nas veias.*

Tinha? Seria por isso que, ultimamente, costumava acordar a meio da noite, plena de energia que buscava desesperadamente uma saída? Por isso que, apesar de o seu emprego ir tão bem (sabia que ia ser brevemente promovida), andava cada vez mais desassossegada? Desde há meses que uma voz baixa mas insistente dentro dela lhe murmurava, “A minha vida resume-se a isto?”

O Fantasma Gaulês estava a oferecer-lhe um suborno, uma espécie de pagamento. Ser uma “moça bonita” e sair dali com uma recompensa. Um artefacto celta bem seu.

A troca do seu silêncio e cooperação.

Chloe estava a ter uma crise de ética.

Felizmente, foi passageira.

Baixou-se para apanhar a espada esquecida e ir pô-la de volta no escritório. — Davam-me jeito umas roupas que me *servissem* — resmungou ao passar por trás dele.

Não tivesse ele estado de costas, tivesse ela visto o sorriso que lhe retorceu os lábios, teria estremecido da cabeça aos pés.

— Dageus, querido. Sinto a tua falta, preciso de ti. *Morro* sem ti. — Pausa.

— Liga-me. É a Katherine.

O atendedor automático desligou-se com um clique.

Um momento depois apareceu Dageus. Os seus olhares cruzaram-se enquanto ele baixava o som do atendedor automático.

²⁴ Empresária norte-americana que construiu um império com os seus vários negócios de estilo de vida e bem-estar doméstico. Em 2001, foi nomeada a terceira mulher mais famosa da América pela revista *Ladies Home Journal*. (N. da T.)

— Dageus, querido — arrulhou Chloe, sentindo-se inexplicavelmente irritada. Ali estava ela, folheando delicadamente o *Códex de Midhe* e sentindo-se estranhamente contente enquanto ele cirandava na cozinha, a cozinhar para ela, quando Katherine interrompera.

Ele lançou-lhe um sorriso mais que devastador e encolheu os ombros. — Eu sou homem, moça. — Depois voltou para a cozinha.

Deixando Chloe a resmungar baixinho. Não fazia ideia porque se importava ela. Mas aquilo irritava-a.

— Nasceu na Escócia? — perguntou Chloe mais tarde, empurrando o prato com um suspiro. Mais um fabuloso jantar. Bife de vaca *Aberdeen Angus* com cogumelos em molho de vinho, batatas novas vermelhas com cebolinho, salada e pão estaladiço barrado de manteiga e mel. E vinho, embora ele estivesse a bebericar *Macallan*, puro uísque escocês *single-malt*.

— Oh, sim. Nas *Highlands*. Perto de Inverness. E tu?

— Em Indianápolis. Mas os meus pais morreram quando eu tinha quatro anos, de maneira que fui viver para o Kansas com o meu avô.

— Deve ter sido difícil.

Tinha sido horrível. Tinham-se recusado a deixá-la ver os corpos dos pais, o que, embora fosse compreensível agora, na altura não fora. Pensou que alguém os tinha roubado e que não os restituía. Não acreditara que pudessem simplesmente já não *existir*. Mas com o tempo vencera o desgosto. Sabia que aquilo a moldara de formas que as pessoas com pais jamais entenderiam, mas tinha tido sorte. Tinha tido alguém que a salvara, e Chloe acreditava que devemos sempre estar gratos pelas bênçãos que nos são dadas.

— Onde está o sangue escocês em ti, moça?

— Vem do meu avô. Evan MacGregor. Tem família?

Uma sombra escura perpassou pelos olhos dele, um breve lampejo de angústia, tão fugaz que ela não estava certa de não o ter imaginado.

— A minha mãe e o meu pai já morreram. Tenho um irmão. — Levantou-se abruptamente, recolhendo os pratos e levando-os para a cozinha, deixando-a às voltas com a sua imaginação. Estava determinada a insistir no assunto, mas, quando ele voltou, distraiu-a colocando-lhe um cálice de cintilante licor vermelho-sangue numa mão e um charuto na outra.

Chloe pestanejou. — O que é isto?

— O melhor charuto que o dinheiro pode comprar e um cálice de um igualmente excelente Porto.

— E o que acha você que eu vou fazer com eles?

— Desfrutar. — Lançou-lhe um sorriso encantador.

Chloe perscrutou curiosamente o charuto, rolando-o nos dedos. Nunca tinha fumado. Nada de nada. Nunca quisera. Mas se era chegado um momento de experimentar coisas novas, era aqui e agora, com um homem que certamente não a julgaria, independentemente do que ela fizesse. Era estranhamente libertador, constatou, estar na companhia de um homem como ele.

— Não te apoquentes, não necessitas inalar. Trata-se apenas da subtil combinação do Porto e do fumo pungente na língua. Experimenta. Se não gostares, pelo menos ficas a saber para a próxima vez que te oferecerem um.

Mostrou-lhe como fazer, preparando o charuto, incitando-a a acendê-lo.

— Sinto que estou a fazer uma coisa má. — Espirrou.

Oh, não fazia ideia de quão má. Uma coisa de nada, fazê-la fumar um charuto e beber um Porto. As moças adoravam brincar com o perigo, com coisas que nunca haviam experimentado antes, por mais atiladas que fossem. Muitas vezes *por serem* tão atiladas. E um pequenino sabor do proibido, muitas vezes traduzia-se em fome de outro fruto. *Fome, Chloe, moça*, induziu silenciosamente. *Saciarei qualquer desejo que tenhas*. Quase podia saborear a inocência dela na sua língua. Com efeito, saborearia, muito em breve.

— Já fizeste uma coisa má desde o momento que me conheceste, moça — ronronou, referindo-se a ele próprio, mas quando ela o olhou de esguelha, provocou, — a esquadrinhar o meu quarto...

— Só bisbilhotei o seu quarto porque tinha lá artefactos roubados...

— E porque estavas tu no meu quarto, para começar? — perguntou ele, melífluo como seda.

Ela corou. — Porque estava, há... fui, há... — gaguejou.

— E devo confessar que me tenho perguntado o que estarias tu a fazer tão perto da minha cama para achares aqueles livros. Quase devias estar *dentro* dela. Estavas curiosa a meu respeito? A respeito da minha cama? Quiçá, a respeito de mim dentro dela?

Ela corou ainda mais. — Só estava a bisbilhotar, *okay*? Mas se fizesse ideia do que ia descobrir, não o teria feito.

Ele sorriu, um prolongado sorriso sedutor, e Chloe susteve a respiração.

— Dá um golinho de Porto e deixa-o tardar um momento na língua. Chloe bebericou.

— Agora o charuto.

Ela puxou uma ligeira baforada. Doce e fumarento, uma combinação fascinante. Mais um golinho, mais uma baforada. Riu-se. Sentia-se meio tola a fumar o grosso charuto. Sentia-se quente e viva. Virou a cabeça para

lhe dizer o que achava, mas ele tinha-se deixado cair ao lado dela no sofá e foi contra os lábios dele.

Tocou aquela boca decadente, cheia, pecaminosa, e no minuto em que estabeleceram contacto, Chloe sentiu um *choque*. Um relâmpago de calor percorreu-a da cabeça aos pés; uma espécie de calor selvagem que jamais sentira antes. Um calor que reconheceu instintivamente poder levá-la ao rubro, para lá do entendimento. Ele não fumara o seu charuto, e sabia a malte; então a sua língua quente deslizou para dentro da boca dela e todo o seu mundo girou. Ela mal notou quando ele habilmente lhe tirou o charuto e o copo das mãos, depositando-os noutra sítio qualquer. Bem podia tê-los atirado para o chão que ela pouco se importaria.

— Chloe, moça. Necessito sentir o teu sabor. Abre mais. *Dá-me*.

Enterrou-lhe as mãos no cabelo, beijando-a, e de súbito era completamente insignificante que ele roubasse artefactos, que a tivesse feito cativa, que vivesse à margem da lei. Ela apenas queria saber da língua dele na sua boca, e de como isso a fazia sentir-se. O mundo deixou de existir para além disso.

Beijos demorados e profundos, mordiscadelas eróticas com os dentes, a boca dele deslizando, escorregando e roçando suavemente sobre a sua. Ele tomou-lhe o lábio inferior e puxou-o preguiçosamente para fora, voltou a tomá-lo outra vez, depois inclinou a boca firmemente sobre a dela, pilhando. Mordiscou, sugou, consumiu. O homem não se limitava a beijar, fazia amor com a boca de uma mulher, fazia-a sentir-se toda a arder, inchada e dorida. Fazia-a emitir ruídos estranhos e sentir-se toda a tremer. Fazia-a sentir-se como se fosse...

Morro sem ti. Liga-me. É a Katherine.

... perder-se por completo e tombar apaixonada por ele como incontáveis mulheres indubitavelmente haviam feito. Uma mulher a quem ele não ligara de volta. E, ao contrário do que escutara no ronronar sofisticado de Katherine, Chloe não possuía a mundanidade adequada, as defesas necessárias. Se fosse suficientemente tola para o deixar, o homem usá-la-ia e deitá-la-ia fora. E não havia ninguém em quem deitar as culpas senão nela. Não que ela não soubesse, ao deixar-se ir, que tipo de homem ele era. Definitivamente, do tipo ama-as e deixa-as. E como se sentiria ela, sabendo que fora apenas mais uma vítima? Usada, sentir-se-ia usada.

— P-pare — arquejou.

Ele não parou. As mãos descaíram-lhe do cabelo para os seios, movendo-se possessivamente sobre eles, cobrindo-os e apalpando-os. Os polegares deslizaram-lhe sobre os mamilos, que se espetaram imediatamente. Sentia-se como se estivesse a afogar-se. O homem era esmagadoramente másculo e sexual, e Chloe sabia que tinha de detê-lo, pois, uns momentos mais, e não seria capaz de lembrar-se porque é que tinha de fazê-lo.

— Por favor — gritou. — Pare!

Ele reteve o seu lábio inferior durante um longo, erótico momento, e então, com um rosnado entrecortado, interrompeu o beijo. Encostou a fronte contra a dela, a respiração superficial e acelerada. Quando é que ficara tanto frio na sala?, interrogou-se ela vagamente. Devia haver uma janela aberta algures, deixando entrar uma brisa gelada. Estremeceu. Tinha a pele a esquentar, afogueada da paixão dele, mas todos os cabelos do corpo em pé.

— Eu não te faço mal — disse ele, numa voz grave e urgente.

Talvez não fisicamente, pensou ela, *mas há outras formas de sofrimento*. No espaço de vinte e quatro horas, deixara-se enfeitizar irremediavelmente por um ladrão. Fascinada por um estranho que todo ele emanava “proibido”, “segredos” e “crime”. Abanou a cabeça, esforçando-se por se afastar dele. Aceitar um suborno era uma coisa, perder-se era outra. E não tinha dúvidas de que podia ficar perdida por um homem assim. Simplesmente não eram da mesma laia.

As mãos dele subiram-lhe de volta aos cabelos e agarrou-a com força, de cabeça baixa, e por um momento ela pensou que ele se recusaria a largá-la. Então ergueu a cabeça e olhou para ela, com um olhar escuro e intenso.

— Quero-te, moça.

— Mal me conhece — replicou ela, trémula. Desconfiava de que, quando Dageus MacKeltar dizia a uma mulher que a queria numa voz daquelas, não ouvia “não” com frequência, senão de todo.

— Quis-te assim que te vi na rua.

— Na rua? — Ele tinha-a visto na rua? Quando? Onde? A ideia de que tivesse reparado nela antes de se encontrarem no quarto dele fê-la sentir-se sem fôlego.

— Estavas a chegar quando eu estava de partida. Eu estava no táxi atrás de ti. Vi-te e... — calou-se abruptamente.

— O quê?

Ele esboçou um sorriso amargo e roçou-lhe o polegar pelo lábio inferior, ainda inchado e húmido dos seus beijos. — E disse a mim mesmo que uma moça como tu não era p'ra mim.

— Porquê?

O desejo nos olhos dele foi-se, substituído por uma expressão tão distante e vazia que ela sentiu como que uma bofetada. Tinha-a posto de parte. Completamente. Podia senti-lo, e não lhe agradava nem um bocadinho. Sentiu-se despojada.

Ele pôs-se abruptamente de pé. — Vem, moça, vamos pôr-te na cama. — Fez um sorriso trocista, mais um daqueles que não lhe chegavam aos olhos frios. — Sozinha, se assim insistes.

— Mas porquê? Porque havia de pensar isso? — Era terrivelmente importante para ela ouvir a resposta dele.

Ele não lhe respondeu. Simplesmente acompanhou-a até à casa de banho, deu-lhe toalhas para tomar um duche se desejasse — coisa que ela se sentia decididamente demasiado desconfortável para fazer e recusou, mas lavou-se e escovou os dentes outra vez — e depois empurrou-a para a cama a fim de a amarrar.

— É *mesmo* preciso fazer isto? — protestou ela enquanto ele atava o primeiro lenço.

— Não, se eu dormir contigo — foi a sua fria resposta.

Ela estendeu-lhe o pulso com determinação.

— Sei que estás intocada, se é isso que te apoquentas.

— E ambos sabemos que você não está — murmurou ela, irritada.

O Sr. Múltiplos-Magnus debaixo da cama. Como sabia ele que ela era virgem? Estava-lhe estampado na testa? Seriam os seus beijos assim tão desajeitados?

— Não passou de prática p'ró dia em que te puder dar prazer.

Ela estremeceu. Melífluu, muito melífluu. — Se não me amarrar, prometo que não tento fugir.

— Oh, sim, fá-lo-ias.

— Dou-lhe a minha palavra.

Com um gesto gracioso da mão, ele tirou uma das almofadas da cama.

Chloe não teve de olhar para baixo para saber o que deixara a descoberto: o *skean dhu* que ela envolvera antes num retalho macio de *plaid* que encontrara, enfiando-o depois debaixo da almofada para se poder libertar mais tarde.

— Estava a mantê-lo a salvo. Não sabia onde havia de pô-lo. — Bateu as pálpebras.

— Não há palavras de promessa ou mesmo de desejo que prendam uma moça. Só nós que a mantenham amarrada. — Agarrou no punhal e no *plaid*, atravessou o quarto e meteu-os numa gaveta.

Ela semicerrou os olhos. — Quem lhe ensinou isso? Mulheres? Quer-me cá parecer que talvez escolha as erradas. Qual é o seu critério? *Tem algum critério?*

Ele lançou-lhe um olhar sombrio. — Oh, sim. Que me queiram.

Pestanejando, deixou que ele a atasse. O homem podia ter qualquer mulher.

Houve um momento muito perigoso quando ele lhe atava o segundo pulso. Uma longa pausa prenhe de sentido em que ficaram simplesmente a olhar um para o outro. Ela queria-o, ansiava desesperadamente por ele, e a

intensidade daquilo deixou-a aterrorizada. Mal conhecia o homem, e o que sabia a respeito dele era tudo menos tranquilizador.

Quando ele fechou a porta disse por sobre o ombro: — Porque és uma boa moça. — Um pesado suspiro. — E eu não sou bom homem.

Levou-lhe um momento para perceber do que é que ele estava a falar. Depois tomou consciência de que ele respondera finalmente à sua pergunta — porque é que ela não era para ele.

Eu nã sou bom homem.

Era o único verdadeiro aviso que ela jamais iria obter dele na sua doce e inevitável perdição.

Dageus bebericava o seu uísque e olhava para ela. Aquele beijo, aquele pequeno gosto de um beijo ainda lhe perdurava na língua, doce como mel, e não havia uísque que o pudesse apagar. Mal começara a saboreá-la quando ela o detivera.

E aquele deter, maldito fosse, estivera perto de o matar. Com a sua língua na boca dela, as suas mãos no cabelo dela, por um breve momento fora possuído de uma fúria glacial, pura e negra, algo que recusava ser negado. Os antigos haviam-se agitado, clamando que ele saciasse a sua fome. *Força-a*, ronronara uma voz sombria. *Podes fazê-la gostar.*

Travara uma batalha mortal contra eles, daí a solicitude com que se afastara. Aquela negridão não era ele. Não seria ele. Não o permitiria. Facilmente o consumiria.

Sabia que não devia estar ali no quarto de dormir. Não estava na melhor das disposições por muitas razões, não sendo a menor delas o facto de ter usado magia mais cedo nesse dia, primeiro numa breve visita aos seguranças antes de ela acordar, lembrando-os de terem visto Chloe Zanders sair na véspera pelo fim da tarde, e mais tarde quando ela tentara escapar, uma acção impensada. O fecho de segurança interior estava trancado para variar, e ela destrancara-o, e ele cerrara-o com uma palavra sussurrada antes que ela pudesse abrir a porta.

Depois, com o corpo junto ao dela, com uma lâmina entre eles e uma gota de sangue na pele e a escuridão a elevar-se, tornara claro o custo da fuga dela: a morte dele.

Apostando que ela recuaria prontamente.

Uma perversa parte dele desafiando-a a pôr fim à sua desonra na ponta da sua própria espada.

Fosse como fosse, teria mais paz.

Ela aceitara o punhal dele e ficara. Não abarcando o significado completo daquilo. Quando um Druida oferecia a sua arma favorita, o seu *Selvar*, aquele que ele trazia contra a pele, a uma mulher, oferecia a sua protecção. A sua guarda. Para sempre.

E ela aceitara-o.

Estava a dormir deitada de costas, da única forma que podia, com os pulsos atados, embora ele houvesse deixado uma folga considerável nos nós. Os seus seios encantadores subiam e desciam com o suave e lento respirar do sono profundo.

Devia deixá-la ir embora.

E sabia que não o faria. Queria Chloe Zanders como jamais quisera uma moça antes. Ela fazia-o sentir-se como um mocinho, querendo deslumbrá-la com proezas masculinas, protegê-la, saciar cada desejo seu, ser o centro de interesse do seu coração resplandecente, tão pleno de inocência. Como se ela pudesse de alguma forma limpá-lo outra vez.

Ela era curiosidade e maravilhamento; ele era cinismo e desespero. Ela rebentava de sonhos; ele estava escavado e vazio por dentro. O coração dela era jovem e verdadeiro; o seu estava gelado de desilusão, mal batendo o suficiente para o manter vivo.

Ela era tudo o que ele sonhara outrora, há muito tempo. A espécie de moça a quem ele teria oferecido os votos de amarração druidas, entregado a sua vida para todo o sempre. Esperta, a moça falava quatro línguas que ele soubesse. Tenaz, determinada, de uma lógica sinuosa. Real, crente nas coisas. Protectora dos costumes antigos, isso era evidente de cada vez que ela o via voltar uma página. Por duas vezes estendera-lhe um lenço para o fazer quando ele se havia esquecido, não fosse manchar com o óleo da sua pele as preciosas páginas.

E ele podia sentir nela uma mulher que queria brotar dali para fora. Uma mulher que vivera uma vida sossegada, uma vida respeitável, mas estava faminta de mais. Podia sentir, com os instintos infalíveis de um predador sexual, que Chloe era luxuriosa de coração. Que o homem a quem ela escolhesse conceder liberdades, tê-las-ia incondicionalmente. Sexualmente agressivo, dominador até à medula, reconhecia nela a sua companheira de cama perfeita.

Ele era um homem que não podia oferecer promessas, que não podia oferecer certezas. Um homem com uma terrível escuridão a crescer dentro dele.

E tudo em que conseguia pensar era...

... que, quando a tomasse, lhe despiria as roupas do corpo, desnudando cada pedacinho dela à sua imensa fome.

Deitar-se-ia em cima dela, os antebraços fincados na cama de cada lado da sua cabeça, prendendo-lhe o comprido cabelo sob o seu peso. Beijá-la-ia...

Ele estava a beijá-la e ela estava a afogar-se no calor e na sensualidade do homem. Com as mãos atadas às colunas da cama, o corpo nu, jazia deitada na cama dele, incendiada. Pronta a ser tomada por ele.

Ele não se limitava a beijá-la, clamava propriedade. Tomava-lhe a boca com urgência, como se a vida dele dependesse de a beijar. Beijava e mordiscava e saboreava, sugando-lhe o lábio inferior, prendendo-lho entre os dentes. As mãos dele estavam nos seus seios e a sua pele ardia de desejo onde ele lhe tocava. Ele beijava-a demorada, profunda e lentamente; depois beijava-a com força, castigador e rápido...

... como porcelana fina, porcelana delicada, depois puni-la-ia com beijos duros por ser tão perfeita, por ser tudo o que ele não merecia. Pelo maravilhamento que ela ainda tinha, o maravilhamento que o fazia lembrar-se de sentir outrora.

Como homem que era, teria de saber que ela o desejava ardentemente. De modo que beijaria cada pedacinho da sua pele sedosa, roçando-lhe a língua pelos picos dos mamilos. Raspando-os com o seu maxilar por barbear, até que eles ficassem rijos e espetados de desejo dele, mordiscando-os com os dentes, transferindo-lhe depois esses beijos para o doce calor feminino entre as pernas, onde saborearia aquele botão rijo de desejo. Lentos e demorados golpes de língua ali.

Mordiscadelas sumamente delicadas.

Depois, golpes mais fortes, mais e mais rápidos até ela se contorcer debaixo dele.

Mas, ainda assim, ela não estaria suficientemente louca por ele.

Por isso deslizaria o dedo para dentro dela. Descobriria aquele ponto, um de muitos pontos especiais, que deixava uma moça louca. Senti-la-ia apertar-se convulsivamente à sua volta. Sentiria a sua fome. Depois retornaria e saboreá-la-ia com a língua de novo. Lambendo. Lambendo. Afogando-se no seu doce sabor.

Depois dois dedos. Depois a língua. Até ela...

— *Por favor!* — gritava Chloe, arqueando as costas, arqueando-se mais e mais para cima, implorando-lhe que lhe tocasse.

Dageus assomava por cima dela, o seu corpo rijo como que incendiado, a pele lustrosa de suor.

— O que queres, Chloe? — O seu olhar cintilante provocava-a, desafiava-a a querer, desafiava-a a falar aquelas coisas que jamais dissera em voz alta. Fantasias secretas bem abrigadas no seu coração de mulher. Fantasias que ela sabia ele estar morto por satisfazer; uma e todas.

— Por favor! — gritava, não sabendo pô-lo por palavras. — Tudo! As narinas dele dilatavam-se e ele inspirava com força, e ela subitamente interrogava-se se teria dito algo de longe mais perigoso do que pensava.

— Tudo? — ronronava ele. — Tudo o que eu possa desejar? Tudo o que eu possa sonhar fazer-te? Queres tu dizer que me fazes a dádiva da tua inocência... sem condições?

Um pulsar de coração, depois dois.

... dizer que necessitava dele. Que estava disposta a renunciar a tudo. Ele transportaria os seus anos de mestria — todos aqueles anos em que fizera amor escaldante com um coração frio com mulheres que nada mais queriam dele que não o seu corpo — para as curvas luxuriosas de Chloe, para a parte de trás dos seus joelhos, a parte de dentro das suas coxas, banhando cada pedacinho com a sua língua. Libertá-la-ia, fá-la-ia rebolar sobre a barriga. Estender-lhe-ia as mãos acima da cabeça, tomá-las-ia numa das suas, mordiscando-lhe a nuca. Passar-lhe-ia a língua pela espinha abaixo, cumulado de atenções o seu ponto favorito, o delgado e delicado arco em que as costas de uma mulher se ligam às nádegas, beijando então cada pedacinho do seu doce rabo.

Ajoelhando-se sobre ela, montando-a, roçaria as suas curvas suaves com o seu membro endurecido. Sentindo-a responder com movimentos para cima e para trás...

— Dageus! — gritava Chloe. Ele estava atrás dela, quente, sedoso e duro contra o traseiro dela, e ela sentia um tão maldito vazio lá dentro que lhe doía.

— O que foi, moça?

— Faz amor comigo — arquejava.

— Porquê? — Ele estendia-se colado a ela, pele contra pele da cabeça aos pés, as palmas das mãos dele contra as costas das suas, pressionando-as contra a cama, deixando-a sentir todo o peso dele, tornando-lhe difícil respirar. Apartava-lhe as coxas com o joelho. Arremetia com os quadris, com força contra ela, mas não dentro dela. Provocando-a deliberadamente.

— Quero-te.

— Querer não basta. Tens de sentir-te como se não pudesses respirar sem mim dentro de ti. Tens necessidade de mim? Não importa o que te custe? Embora te haja prevenido que não sou bom homem?

— Sim! Deus, sim!

— Di-lo.

— Preciso de ti!

— Diz o meu nome.

— Dageus!

Chloe acordou estremunhada com um violento safanão, a transpirar e a arquejar, e tão intensamente excitada que o corpo lhe doía da cabeça aos pés. — O-o que... — calou-se, recordando-se do sonho. *Oh, Deus*, pensou, varada. Sacudindo a cabeça, subitamente apercebeu-se de que não estava sozinha.

Ele estava no quarto com ela.

Sentado a menos de meio metro de distância dela numa cadeira ao lado da cama, observando-a com aqueles cintilantes olhos de tigre.

Entreolharam-se.

E ela teve a sensação pavorosa de que ele de alguma forma sabia. Sabia que ela tinha estado a sonhar com ele. No seu olhar em brasa havia uma estranha satisfação.

Sentiu-se corar da cabeça aos pés. Olhou freneticamente para baixo. Graças a Deus, ainda estava completamente vestida. Não passara de um sonho.

Ele não podia *certamente* saber.

Puxou as cobertas até ao queixo. A atmosfera no quarto estava positivamente gelada.

— Pareceste-me desassossegada — ronronou ele, a voz dele carregada como o quarto envolto em sombras. — Vim espreitar-te e pensei sentar-me junto a ti até sossegares.

— Já estou calma — mentiu ela descaradamente. O coração martelava-lhe e voltou-se de costas não fosse traír alguma coisa com os olhos.

Lançou-lhe uma espiada rápida. Homem lindo. Sentado à meia-luz do fogo que se apagava. Um lado do rosto dourado, o outro nas sombras. Ela quase arfava. Mordeu o lábio para se acalmar.

— Então devo ir-me embora?

— Deves ir.

— Não... tens *necessidade*... de nada, Chloe, moça?

— Apenas que me deixes ir embora — disse ela firmemente.

Jamais, pensou Dageus, fechando bem a porta.

Quando ela acordara, ficara pasmado ao aperceber-se de que, de alguma forma, os seus pensamentos, a sedução dolorosamente intensa que ele estivera imaginando, haviam passado sub-repticiamente para os sonhos dela.

Poder. Havia poder dentro dele e era bom que não se esquecesse disso. De alguma forma esse poder tinha-a feito participar da fantasia dele.

Uma coisa perigosa.

Ao que parecia, usara magia mais uma vez, sem sequer se aperceber disso.

Um músculo contraiu-se-lhe no maxilar. Tava a ficar por demais difícil ver onde começavam os antigos e acabava ele.

Ainda tinha trabalho para fazer nessa noite, recordou a si próprio, sacudindo-se com força, resistindo à escuridão que se estirava e encolhia dentro dele. A escuridão que procurava convencê-lo de que era um deus, e de que os seus desejos eram ordens.

Calçando as botas e vestindo o casaco, lançou um derradeiro olhar na direcção do quarto de dormir antes de deixar furtivamente o apartamento. Ela estava bem amarrada, jamais saberia que ele havia saído. Seria apenas por umas horas.

Antes de sair, aumentou o termóstato. Estava frio dentro de casa.